**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

FERNANDA ROMANO SOARES

Oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de psicologia: utilização de contos de fadas

**São Paulo
2011**

FERNANDA ROMANO SOARES

Oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de psicologia: utilização de contos de fadas
(Versão Original)

Dissertação apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: **Psicologia Clínica.**
Orientadora: **Professora Dra. Eliana Herzberg**

São Paulo
2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Soares, Fernanda Romano.

Oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de psicologia: utilização de contos de fada. / Fernanda Romano Soares; orientadora Eliana Herzberg. -- São Paulo, 2011.

86 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Clínicas-escola 2. Oficina criativa 3. Grupo de espera recreativo 4. Contos de fadas 5. Teste de apercepção infantil com figuras de animais I. Título.

RA966

Nome: Soares, Fernanda Romano

**Título: Oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de psicologia:
utilização de contos de fadas.**

**Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Psicologia.**

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

**Aos meus pais, com muito amor e minha
eterna reverência.**

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Associada Eliana Herzberg, pelo apoio e incentivo dados desde o início de minha trajetória. Sou muito grata à sua compreensão e flexibilidade durante os obstáculos enfrentados e aos ensinamentos que agregaram valor tanto para minha formação profissional quanto para minha vida.

Aos Professores da PUC-GO, em especial Prof^a Delza Maria Araújo e Prof^a Adalgisa Teixeira, que me auxiliaram e ofereceram oportunidades de crescimento durante minha graduação. Foram muitos conhecimentos adquiridos com a determinação e a experiência de cada uma delas.

À Prof^a. Titular Maria Abigail de Souza pela ajuda e tempo disponibilizados nos instantes finais de elaboração do trabalho.

Às crianças participantes da pesquisa e seus pais, que gentilmente confiaram em meu trabalho e possibilitaram sua realização.

Ao Instituto de Psicologia pelo acolhimento e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo apoio financeiro essencial para a realização do trabalho.

Aos meus pais, que não mediram esforços para me proporcionar as melhores condições de estada em São Paulo. Tantos obstáculos enfrentados, tantas lágrimas derramadas a cada partida no aeroporto, mas também tanta alegria a cada reencontro. Obrigada, Luiz Roberto e Elizabeth, por serem meus queridos pais e por me constituir como sujeito realizador.

Aos meus irmãos. Simonne por tantos incentivos e forças dadas quando pensei em desistir, pelas conversas de apoio por horas no telefone e pelo companheirismo de sempre. Arthur por sua forma sutil de demonstrar carinho e cuidado. “Beto” pelas visitas e conselhos sempre tão bem-vindos. E Thiago pelas risadas proporcionadas e seu companheirismo de irmão caçula.

Às minhas avós, Maria Elias e Terezinha, pelas orações e promessas feitas durante os momentos de maiores tensões.

Aos meus sobrinhos, Elisa, Bruno e Camilla, por permitirem tanta alegria e sorrisos a cada palavra ao telefone.

Aos meus tios e primos queridos que deram forças em vários momentos – é bom saber que posso contar com todos vocês.

Ao grupo de orientandas da Prof^a Eliana, Débora Chammas, Ana Paula, Raquel e Rita que se disponibilizaram para ajudar na confecção do trabalho. Em especial às colegas de mestrado, grandes companheiras e amigas Ana Paula e Débora – foram muitas ajudas e desabafos, pude compartilhar com vocês, angustias e ansiedades assim como também as conquistas. Obrigada!

À Marianna Schontag por sua dedicação em contribuir positivamente em meu crescimento em São Paulo.

Às minhas amigas de Goiânia, Rejane e Daiane, por serem tão companheiras e ótimas conselheiras em momentos de desespero. Vocês são especiais e, mesmo com a distância, contribuíram efetivamente com o meu bem-estar.

À família Spera Martins pelo apoio e amparo oferecidos em tantos momentos, fizeram vezes de minha família quando mais precisei. Tia “Dete” e Junior, vocês contribuíram com meu desenvolvimento em São Paulo, Maristela, você foi essencial para a confecção deste trabalho, sabe que não conseguiria sem sua força.

À amiga Lizana Dalazen pela companhia e noites de conversas. Minha amiga do Sul que compareceu em todos os momentos importantes de minha vida.

À amiga Vanessa Freitas, tantas conversas psicanalíticas, identificações e projeções sempre bem acolhidas. Obrigada minha amiga pela boa companhia de sempre.

Aos amigos Luis Henrique, Carolina Sousa e Rodrigo Guilhen pelos cuidados e apoio, também pelas várias risadas compartilhadas.

Enfim, a todos os amigos e companheiros que conheci em São Paulo e que de alguma forma contribuíram para minha formação.

RESUMO

Soares, F. R. (2011). *Oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de psicologia: utilização de contos de fadas*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O objetivo da pesquisa foi verificar o impacto da realização de oficina terapêutica de contos de fadas, com crianças, no fluxo de atendimento e na vivência dos participantes, no contexto da clínica-escola, além de avaliar se o instrumento projetivo CAT-A contribui como uma das formas de mensurar resultados de intervenção e, em caso positivo, de que forma. Pretende-se contribuir para o desenvolvimento do campo do saber ético-teórico-prático relativo a uma modalidade específica de atendimento psicológico que proporcione maior quantidade de vagas às crianças que procuram a clínica. Foi realizada uma oficina terapêutica, onde foram utilizados contos de fadas com cinco crianças de 6 e 7 anos que estavam aguardando atendimento psicológico na clínica-escola. Inicialmente foi realizada uma entrevista com os pais, na qual investigou-se o motivo da consulta e aspectos gerais da criança e suas relações. No primeiro encontro individual com cada criança, foi aplicado o CAT-A. Após esse encontro, deu-se início à oficina, que se constituiu de onze encontros semanais, utilizando-se nove contos de fadas. Em cada encontro foi narrado um desses contos, dividido em três fragmentos. Solicitou-se às crianças que desenhassem o que mais gostaram de cada fragmento e que falassem sobre os respectivos desenhos. Os contos escolhidos abarcaram diferentes fases do desenvolvimento. Após a realização da oficina, o CAT-A foi reaplicado individualmente nas crianças, seguindo-se uma breve devolutiva sobre a oficina. Os pais também passaram por uma entrevista devolutiva a respeito dos resultados da oficina, podendo esclarecer dúvidas. Os resultados obtidos demonstraram a ampliação da queixa trazida pelos pais e pôde-se perceber, através de seus relatos, que a proposta contribuiu para incrementar os recursos das crianças, para manejar os conflitos vivenciados. Foi possível atender maior número de clientes, repercutindo no fluxo da fila de espera. O CAT-A auxiliou no esclarecimento da queixa pelo acesso a conteúdos latentes, que refletem o funcionamento e a vivência da criança, objetivando uma compreensão mais global do problema apresentado. Os resultados apontaram que esse tipo de trabalho poderia ser adotado pelas instituições com maior frequência, visando a seu próprio benefício, dos alunos, e, principalmente, da comunidade carente de instituições de acolhimento e cuidado. Destaca-se a importância da realização de outros estudos como este, com grupos maiores, que venham a corroborar, ou não, os resultados aqui obtidos.

Palavras-chave: Oficina Criativa. Clínicas-Escola. Grupo de Espera Recreativo. Contos de Fadas. Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais.

ABSTRACT

Soares, F. R. (2011). *Therapeutical workshops with children in a psychological teaching clinic: using fairytales*. Master's Thesis, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

The objective of this research was to verify the impact of therapeutic fairytale workshops with children in the service flow and in the lives of the participants in the context of the teaching clinics as well as evaluating if the projective instrument CAT-A contributes as a way to measure intervention results and if so, in which way. The intention is to contribute to the development of the ethical-theoretical-practical knowledge in relation to a specific type of psychological service that allows for a larger amount of spots for the children who seek the clinic. A therapeutic workshop with the use of fairytales was conducted with 5 children between the ages of 6 and 7 that were waiting for their psychological appointment in the teaching clinic. An interview with the parents was done initially to investigate the reasons of the appointment, general aspects of the children and their relationships. In the first individual session with each child the CAT-A was applied. Then the 11 weekly workshops were done, using 9 different fairytales. In each session one of the tales was read in three fragments. The children were asked to draw their favourite thing from each fragment and explain it. The chosen tales comprehended different development stages. After the conclusion of the workshop, the CAT-A was reapplied individually, followed by a quick feedback on the workshop. The parents also had a feedback session, clarifying doubts. The results show an amplification of the initial complaint brought by the parents and it was clear, through their reports, that the initiative contributed to the enhancement of the children's resources to handle their conflicts. It was possible to handle a larger number of clients, which in turn had a positive impact on the waiting line. The CAT-A helped in the clarification of the complaint through the access of latent content that reflect the child's experience and functioning, allowing for a more global approach of the presented problem. The results indicate this kind of work could be adopted more frequently by institutions for the benefit of their own service, of the students and especially of the community in need of care institutions. It is important to mention the need of other studies like this one, with larger groups to verify the application of the obtained results.

Keywords: Creative Workshop. School-Clinics. Waiting Control Groups. Fairytale. Children Apperception Test with Animal Figures.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Dados coletados durante as entrevistas iniciais com pais e/ou responsáveis.	36
Tabela 2 — Queixas trazidas na entrevista inicial.	37
Tabela 3 — Ampliação das queixas.	38
Tabela 4 — Contos de fadas, possíveis questões abordadas e presenças.	39
Tabela 5 — Desenhos e comentários de Carolina e observações da pesquisadora.	41
Tabela 6 — Desenhos e comentários de Gustavo e observações da pesquisadora.	42
Tabela 7 — Desenhos e comentários de Victor e observações da pesquisadora.	43
Tabela 8 — Intervalo de tempo entre as duas aplicações do CAT-A.	44
Tabela 9 — Prancha 7 do 1º CAT-A Carolina.	45
Tabela 10 — Prancha 7 do 2º CAT-A Carolina.	46
Tabela 11 — Prancha 1 do 1º CAT-A Gustavo.	49
Tabela 12 — Prancha 1 do 2º CAT-A Gustavo.	50
Tabela 13 — Prancha 2 do 1º CAT-A Victor.	52
Tabela 14 — Prancha 2 do 2º CAT-A Victor.	53
Tabela 15 — Relatos dos pais e observações da pesquisadora.	55
Tabela 16 — Dados de Leonardo.	56
Tabela 17 — Dados de Viviane.	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OFICINAS TERAPÊUTICAS.....	12
1.1.1 Oficinas e psicanálise	14
1.1.2 Oficinas e crianças.....	17
1.1.3 Oficinas e o SUS	18
1.2 CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA	18
1.3 CONTOS DE FADAS	19
1.3.1. Contos de fadas e efeitos terapêuticos em crianças	19
1.3.2 Contos de fadas em metodologias de pesquisas	21
1.4 DESENHOS COMO RECURSO AUXILIAR NAS OFICINAS TERAPÊUTICAS COM CRIANÇAS	22
1.5 TESTES PROJETIVOS.....	23
1.5.1 Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A)	25
2 OBJETIVOS	26
2.1 OBJETIVOS GERAIS.....	26
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	26
3 MÉTODO.....	27
3.1 ASPECTOS ÉTICOS	27
3.2 LOCAL DA COLETA DE DADOS.....	28
3.3 PARTICIPANTES.....	28
3.4 INSTRUMENTOS.....	29
3.4.1 Questionários.....	29
3.4.2 Entrevistas semiabertas.....	29
3.4.3 Teste de Apercepção Temática Infantil (CAT-A)	30
3.4.4 Contos de fadas.....	30
3.4.5 Outros materiais.....	30
3.5 PROCEDIMENTOS	30
3.5.1 Reconhecimento e observação do campo	30
3.5.2 Levantamento de prontuários e escolha dos participantes.....	31
3.5.3 Contato com os pais e/ou responsáveis	31
3.5.4 Entrevista inicial com pais e/ou responsáveis	31
3.5.5 Primeiro contato com as crianças e aplicação do teste projetivo.....	32
3.5.6 Desenvolvimento das oficinas	32
3.5.7 Entrevista e devolutiva aos pais e/ou responsáveis	34
3.5.8 Encerramento com a criança.....	34
4 RESULTADOS.....	35
4.1 ENTREVISTA INICIAL COM OS PAIS	35
4.2 OFICINAS TERAPÊUTICAS: CONTOS DE FADAS E DESENHOS	39
4.3. TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA INFANTIL — CAT-A	44
4.3.1 Carolina	45
4.3.2 Gustavo.....	48
4.3.3 Victor.....	51
4.4 ENTREVISTA DEVOLUTIVA COM OS PAIS	54
5 DISCUSSÃO.....	59
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	63
ANEXO A.....	66
ANEXO B	68
ANEXO C	69
ANEXO D.....	70
ANEXO E	72

APRESENTAÇÃO

Durante minha graduação em Psicologia, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, participei de algumas pesquisas científicas e, dentre elas, uma me chamou mais a atenção, pois me identifiquei com a temática abordada. A pesquisa referia-se a oficinas terapêuticas com crianças, que até então eu não conhecia. O grupo de pesquisa era composto por várias pessoas, tanto estudantes como docentes, e cada um dos integrantes definia um instrumento de trabalho e uma metodologia a ser seguida nas oficinas que seriam realizadas. O objetivo era proporcionar uma diminuição da fila de espera na clínica-escola e verificar se as oficinas proporcionariam às crianças uma diminuição de suas angústias e a elaboração de alguns conflitos promovendo uma melhor qualidade de vida.

Durante a participação nesse grupo de pesquisa, iniciei um estágio na pediatria do Hospital do Câncer em Goiânia, Goiás, e entrei em contato mais próximo com crianças, de diversas faixas etárias, hospitalizadas. Durante esse estágio, realizava várias atividades, tais como: atendimentos individuais de crianças em consultório e nos leitos do hospital, atendimentos aos pais e atividades realizadas na enfermaria e na sala de espera, dentre outras.

Ao mesmo tempo em que estudava teoricamente as oficinas terapêuticas, realizava o estágio no hospital. Dentre as atividades que eram realizadas na sala de espera da pediatria, existia uma que me chamava muito a atenção, um trabalho realizado pela minha supervisora, a narração de histórias. Resolvi, então, tentar contar uma história para as crianças que estavam na sala de espera.

Foi meu primeiro contato com “contar histórias” para um grupo de crianças e a devolutiva delas constituiu uma surpresa muito grande. Aquelas crianças se apresentavam muito ansiosas e angustiadas. Umas estavam ali para receber um diagnóstico, outras para fazer quimioterapia ou passar na consulta médica ou esperando internação, enfim, todas apresentavam ansiedades expressas de maneiras diferentes. Entrei na sala e, como era de praxe, cumprimentei as crianças e seus responsáveis e, percebendo que algumas estavam ali pela primeira vez, me apresentei. Expliquei que iria contar uma história sobre um sapo e iniciei a narração falando alto e firme, mesmo estando insegura com a atividade que estava realizando.

Para minha surpresa, as crianças, aos poucos, foram ficando mais quietas e concentradas na história e, em alguns momentos, riam juntas com as travessuras do sapo. Fui ficando mais descontraída, mas, quando percebi, a história tinha acabado e, então, “voltei para a realidade”. Dei-me conta de que as crianças estavam sentadas, no chão ao meu redor, várias

delas com as mãos no queixo, olhando-me em silêncio. Perguntei o que tinham achado da história e elas, aos poucos, foram se soltando e comentando sobre a vida do personagem principal. A partir desses comentários, estabeleci algumas relações entre partes da história e a vida das crianças; todas participaram entusiasmadas.

Fui surpreendida com o comportamento delas ao ouvirem e comentarem a história e contei o fato à minha supervisora. Esta me relatou sobre uma das médicas que estavam realizando atendimentos clínicos. Disse-me que essa médica comentou que duas crianças, durante a posterior consulta, teceram comentários sobre a história e estavam mais tranquilas do que o habitual. A partir de então, pensei em unir os estudos sobre oficinas terapêuticas e as atividades com histórias.

Comecei a questionar-me sobre como os contos de fadas poderiam diminuir as ansiedades e angústias das crianças. Consultei alguns livros e artigos que tratavam dos benefícios que as histórias podiam trazer às crianças e pensei em aprofundar os estudos em um projeto de pesquisa.

Foi a partir desses estudos e de minha prática com as crianças no hospital que decidi pesquisar a eficácia de oficinas terapêuticas utilizando contos de fadas como instrumento principal no atendimento a crianças. O presente trabalho relata a realização de uma oficina terapêutica com um grupo de crianças de mesma faixa etária e que tinham algo em comum: todas aguardavam atendimento psicológico em uma clínica-escola. Esse grupo foi “coordenado” pela pesquisadora que realizou intervenções que poderiam ter efeitos terapêuticos.

1 INTRODUÇÃO

1.1 OFICINAS TERAPÊUTICAS

Quando nos referimos a oficinas terapêuticas, não estamos nos referindo simplesmente a grupos. Ao nos aprofundar no significado do termo, torna-se possível verificar que a oficina terapêutica se constitui por um grupo de pessoas (independente se crianças, adultos ou idosos) que se reúnem por algum propósito em comum e existe um “orientador” desse grupo, que é quem lidera as atividades realizadas. Porém, o que torna a oficina terapêutica distinta de um grupo é que, necessariamente, como o próprio nome já diz, ela tem uma finalidade terapêutica.

Bleger (1980/2007) conceitua o grupo como sendo um conjunto de pessoas que entram em interação entre si, porém, além disso, o grupo é, fundamentalmente, uma sociabilidade estabelecida, na qual entre os indivíduos atua um transativismo permanente. A oficina terapêutica, segundo Bleger, também se caracteriza por essas qualidades, acrescido o fato de que um dos integrantes do grupo (no caso, o terapeuta) intervém.

Afonso e Coutinho (2003) afirmam que oficina é uma prática de intervenção psicossocial, seja em contexto pedagógico, clínico, comunitário, de política social ou na área de saúde. Segundo os mesmos, ela utiliza informação e reflexão, mas se distingue do projeto apenas pedagógico, porque trabalha também com os significados afetivos e as vivências relacionadas com o tema a ser discutido. E, embora busque a elaboração da experiência, a oficina limita-se a um foco e não pretende a análise psíquica profunda de seus participantes.

Além de o custo ser reduzido em relação a um atendimento individual, permitindo que mais pessoas possam ter acesso ao trabalho psicológico, o trabalho em grupo leva os participantes a constatarem não serem os únicos com uma determinada problemática; ele também possibilita o contato com pessoas com conflitos e dificuldades semelhantes, levando à troca de experiências entre os membros do grupo.

Afonso e Coutinho (2003) afirmam ainda que um dos objetivos da oficina terapêutica é promover o crescimento pessoal através de um processo que envolve o ser humano e suas relações. Assim, as oficinas de curta duração promovem atitudes onde os indivíduos repensam seu caminho, criando, com isso, novas formas de ação para sua integração no mundo. Com metodologia específica, a oficina enfatiza a descoberta de si mesmo através dos outros.

Ribeiro (2004) afirma que as oficinas possibilitam a metabolização da produção psíquica dos sujeitos envolvidos, favorecendo o relacionamento social na família, na cultura, assim como a inclusão no trabalho produtivo. Entretanto, Rauter (2000) adverte que as oficinas serão terapêuticas ou terão outra função se conseguirem promover conexões mais adequadas entre produção desejante e produção na vida material. Portanto, não é a simples existência de uma oficina que garante o fato de ela estar produzindo novas formas de vida; para ela ser terapêutica, é necessário conectar-se com uma dimensão distinta da que habitualmente nos encontramos. A partir deste relato pode-se pensar que as oficinas terapêuticas precisam seguir os mesmos caminhos que os processos criativos, uma vez que pretendem acolher as singularidades.

A partir dessas reflexões acerca das oficinas terapêuticas, pode-se perceber que elas só acontecem quando existe um trabalho em grupo. Nesse sentido, Pichon-Rivière (1988) ressalta que a análise individual não permite ler com clareza os fenômenos grupais. Somente nos grupos emergem as formações próprias do grupo, razão pela qual seria necessária uma técnica de grupo para investigar fenômenos de grupo, tido como o fenômeno da grupalidade. Para esse autor, o trabalho com grupos é importante para promover mudanças individuais nos participantes, já que estes entram em contato direto com relações e podem vivenciar suas capacidades de se relacionar com o outro. Ele acredita ser fundamental que o condutor do grupo possa observar e vivenciar essas relações, em vez de apenas ouvir os relatos de um indivíduo sobre sua forma de se relacionar com o outro.

Não podemos nos esquecer de que o ser humano é gregário por natureza e somente existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Também por isso podemos falar do valor da psicoterapia de grupo, pois o ser humano passa a maior parte de sua vida convivendo e interagindo com distintos grupos (Zimerman, 2000).

Yalom (1985 apud Peluso; Baruzzi; Blay, 2001, p. 346) diz que a relação entre os pacientes, fator específico das terapias de grupo, é um recurso extremamente poderoso para promover mudanças. E o grupo terapêutico permite a criação de uma situação interpessoal maior e potencialmente mais poderosa que o relacionamento terapeuta/paciente na terapia individual.

Então, pode-se pensar ser o grupo um excelente espaço de reflexão acerca de novas possibilidades e experiências, um facilitador para as pessoas superarem um momento difícil ou uma crise. E, certamente, no grupo não irá se sentir só em sua dor. O coordenador pode apontar para o grupo a semelhança do sofrimento, e este é um elemento aglutinador que transforma aspectos negativos em oportunidades de apoio mútuo (Motta; Santos, 2002). Esses mesmos autores citam Vinogradov e Yalom ao dizer que “os terapeutas tentam destacar a

universalidade dos problemas trazidos pelos participantes no processo da interação grupal. Com isso, os integrantes do grupo podem perceber que não estão sozinhos em seus problemas” (p. 76).

Levando em conta a importância da universalidade dos problemas trazidos pelos participantes, pode-se ainda destacar que o grupo homogêneo é útil no tratamento de pacientes para os quais educação, identificação e apoio recíproco são os elementos importantes da terapia. Oferece, ainda, algumas vantagens: maior coesão, menor conflito e possivelmente alívio mais rápido dos sintomas. É indicado para tratamento com tempo pré-determinado (Bechelli; Santos, 2001).

1.1.1 Oficinas e psicanálise

A partir da observação da experiência cotidiana do trabalho do psicólogo clínico, pode-se perceber que existe uma tendência em associar psicanálise à psicologia clínica bipessoal ou clássica. Devido a isso, quando se trata de oficinas terapêuticas, logo se exclui a possibilidade de se embasar em um conhecimento psicanalítico. Porém, percebe-se que o campo psicanalítico tem experimentado mudanças intensas nas últimas décadas, sendo uma delas o deslocamento da ênfase dos consultórios particulares para as atividades em grupos. Esse deslocamento, somado com outras atribuições, contribuiu para a realização deste trabalho.

A crescente complexidade da sociedade contemporânea engendra novas formas de sofrimento, que exigem abordagens terapêuticas que lhes sejam compatíveis. Portanto, buscase uma perspectiva que avance a forma tradicional de técnica de trabalho terapêutico e inaugure uma possibilidade ético-teórico-prática de trabalho clínico fundado sob uma orientação inspirada na teoria psicanalítica.

Freud (1919/1980), em seu artigo “Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica”, já ressaltava o fato de que a atividade terapêutica bipessoal não tem um alcance muito vasto, dedicando-se somente a um pequeno número de pacientes. Contudo, ele presume que a consciência da sociedade despertará para o fato de que a camada menos favorecida da população tem direito a uma assistência a sua mente, sendo esta uma questão de saúde pública. Nesse contexto, chamada a dar a sua parcela de contribuição, a psicanálise deverá se defrontar, então, com a tarefa de adaptar a sua técnica às novas condições. Freud sustenta ainda que em cada indivíduo singular existem estruturas transindividuais que se manifestam nos contextos grupais e coletivos:

A massa se apresenta, pois, como ressurreição da horda primitiva. Assim como o homem primitivo sobrevive virtualmente em cada indivíduo, também toda a massa humana pode reconstruir a horda primitiva (...). Haveremos, pois, de deduzir que a psicologia coletiva é a psicologia humana mais antiga. Aquele conjunto de elementos — que isolamos de todo o referente à massa para construir a psicologia individual — não se diferenciou da antiga psicologia coletiva senão mais tarde, muito pouco a pouco, e ainda hoje em dia, só parcialmente. (p. 2596).

A partir desse relato percebe-se como se acentua o surgimento da psicologia individual a partir da psicologia da massa. E, posteriormente, outro autor importante na psicanálise (Bion, 1970) afirma que a proposição que deseja demonstrar é a de que o grupo é essencial para a realização da vida mental de um homem. Também afirma que:

No grupo, o indivíduo dá-se conta de capacidades que são apenas potenciais enquanto se encontra em comparativo isolamento. O grupo, dessa maneira, é mais que um conjunto de indivíduos, porque um indivíduo num grupo é mais que um indivíduo em isolamento. (...) Um dos problemas da terapêutica de grupo, então, reside no fato de ser o grupo freqüentemente utilizado para a obtenção de uma sensação de vitalidade pela submersão total no grupo ou de uma sensação de independência individual pelo repúdio total dele. Essa parte da vida mental do indivíduo, que é incessantemente estimulada e ativada por seu grupo é a sua herança inalienável como animal de grupo (p. 81)

Bion (1970) recorre aqui às ideias que Freud sustentava já em 1912. Mas, segundo Ávila (2009), foi com Bion que a psicanálise pôde dar prosseguimento a essa forma de apreensão da realidade psíquica que não é redutível apenas ao indivíduo. Bion (1970) afirma que nenhum indivíduo, por mais isolado que esteja no tempo e no espaço, deve ser encarado como externo a um grupo ou não possuidor de manifestações ativas de psicologia de grupo.

Sendo assim, cabe ressaltar, segundo Bento (2006), que W. R. Bion, durante a década de 1940, já membro da Sociedade Britânica de Psicanálise, deu a primeira e uma das mais importantes contribuições para o trabalho grupal, enfrentando na época a desaprovação da comunidade psicanalítica. Com base em suas experiências realizadas no Hospital Northfield, Inglaterra, com grupos de soldados durante a Segunda Guerra Mundial, Bion levantou hipóteses sobre o campo grupal e criou um corpo conceitual até hoje estudado. Os trabalhos de Bion deram origem ao grupo como uma entidade que pode ser pensada através dos conceitos psicanalíticos e experimentados em uma situação apropriada. Assim, observa-se que, tal como em qualquer campo da psicanálise, a prática clínica está intimamente vinculada à evolução dos conceitos.

Anzieu (1993) entende que qualquer grupo, tanto os naturais como os psicoterápicos ou os de formação, pode ser visto de forma análoga a um sonho. Parte da ideia de Freud, que concebe o sonho noturno como a realização de um desejo, uma ilusão individual que ocorre no momento de desinvestimento máximo da realidade exterior. Anzieu entende que o grupo é igualmente o lugar de realizações imaginárias dos desejos. Um grupo isola-se do contexto cultural maior e da vida social ou profissional, suspendendo a realidade exterior de tal maneira que a libido se concentra toda na realidade presente no aqui-agora. Anzieu vê o grupo

como um objeto de investimento pulsional, um espaço que possibilita a manifestação de desejos, um continente no interior do qual se ativam fantasias e identificações, um objeto de representações organizadas por formações psíquicas que possuem propriedades grupais.

Segundo Ávila (2009), para constituir uma concepção psicanalítica dos grupos, deve-se demonstrar a necessidade de uma nova concepção do EU individual. A teoria dos grupos entende que o indivíduo é composto por seus relacionamentos, ou seja, pelas relações que ele tem desde antes de nascer e que se somam a todas as que ele realiza ao longo de sua existência. Essas relações o constituem em seu próprio aparelho psíquico, em sua identidade, em suas ações, em tudo o que o caracteriza enquanto sujeito concreto. Essas são articulações da teoria psicanalítica que as teorias voltadas aos estudos de grupo confirmam e fundamentam.

Zimerman (2000) afirma que o estado atual da psicoterapia analítica com grupo não observa o mesmo crescimento que o descrito para outras abordagens terapêuticas. O autor coloca a questão:

Por que, num país como o nosso, em que há uma escassez de técnicas e uma imensa fatia da população de prevalência jovem, que poderia se beneficiar com tratamento de base analítica, mas que a ele não tem acesso econômico, não prospera a grupoterapia analítica, apesar de ela ter se mostrado comprovadamente eficiente? (p. 227)

Não restam dúvidas de que há um largo campo que representa um desafio para pesquisas e investigações, isto é, a dinâmica terapêutica com grupos ainda tem muito para se desenvolver, embora atualmente podemos encontrar mais trabalhos acerca do tema.

O estudo dos grupos e a prática de técnicas grupais psicanalíticas mostram-se eficientes ferramentas na promoção de transformações sociais. Carvalho e Térzis (2009) afirmam que dentre os principais objetivos da psicanálise de grupo estão: tornar consciente o inconsciente; rememorar a história de vida dos sujeitos do grupo e dar-lhes ferramentas para resolverem seus conflitos internos através do autoconhecimento e da fortificação do ego, trabalhando a capacidade de realizarem autoanálise, diminuindo o medo do conhecimento das realidades externas e internas; propiciando-lhes a evolução de um estágio de amor narcísico (objeto primário) para um estágio de amor social. Dentro do trabalho psicanalítico grupal, é possível que os sujeitos elaborem seus conflitos intrapsíquicos, gerando o crescimento e o desenvolvimento da personalidade, que diminuam seus sentimentos negativos através da observação das dificuldades comuns aos outros, gerando o conhecimento de si e do outro, melhorando aspectos da socialização e tendo o grupo como apoio, além de facilitar o objeto transferencial ao diluir a dependência do terapeuta.

1.1.2 Oficinas e crianças

Com relação à saúde mental de crianças, nota-se uma necessidade de implantação de mais programas e serviços que sejam capazes de promover uma atenção a elas e que deem conta da crescente demanda por esses serviços. A proposta não é ingênua, sabe-se que a demanda por atendimentos talvez nunca seja superada, no entanto, devem-se aumentar ao máximo as possibilidades para seu atendimento. Faz-se necessário dar a cada um a mesma oportunidade de integrar-se.

A proposta do trabalho por meio de oficinas parte do pressuposto de que a promoção da saúde e a qualidade de vida das crianças merecem atenção e uma intervenção. “As oficinas podem agir como facilitadores da instauração de um campo de fala e escuta para a percepção e reflexão das experiências de um grupo de crianças em relação a vários temas ou problemas que podem estar em questão” (Afonso & Coutinho, 2003).

Winnicott (1975) pontua que na concepção matriz das oficinas está presente a concepção do lúdico, onde se observa que, como nos jogos, desenhos ou brincadeiras, a técnica das oficinas possibilita trabalhar um tema, ou um conflito, ou um sintoma por meio de uma estrutura que promove uma abertura perceptiva, permitindo a expressão dos sentimentos e ideias, a encenação de relações, a potencialidade para que o sujeito ocupe disposições outras que não as cristalizadas no cotidiano, uma sensibilização e uma disposição para a apreensão e produção de novos significados.

Safra (2005) afirma:

Na consulta terapêutica temos a possibilidade de facilitar a elaboração da angústia vivida pela criança e que esteja perturbando o seu desenvolvimento, a fim de que a tendência ao amadurecimento recupere o seu curso natural. Isto é feito de maneira a possibilitar que a criança e seus pais possam lidar com a situação emergente e, dessa forma, sejam enriquecidas as possibilidades de enfrentar as dificuldades decorrentes do desenvolvimento da criança, ao mesmo tempo em que o vínculo entre eles é aprofundado. (p. 19)

Tomando a afirmação de Safra, podemos pensar que o mesmo poderia ocorrer quando se trata de consultas terapêuticas com grupos de pequena duração.

Krutzen (2006) contribui afirmando que as oficinas podem se inserir na perspectiva terapêutica, visando fundamentalmente a uma melhoria de alguma situação indicada como patológica, quer no plano individual quer no plano relacional, oferecendo uma assistência mais ampla e abrangente com a aplicação dos recursos da dinâmica dos grupos.

1.1.3 Oficinas e o SUS

Tomando em consideração o relato de Freud (1919/1980) sobre a camada menos favorecida da sociedade, pode-se salientar a criação do Sistema Único de Saúde, que teve como finalidade alterar a situação de desigualdade na assistência à saúde da população, tornando obrigatório o atendimento público a qualquer cidadão, sendo proibidas cobranças sob qualquer pretexto. Porém, lamentavelmente, é pouco encontrada a preocupação com a saúde pública e a inserção do trabalho do psicólogo no debate sobre modos de intervenção que se façam para além dos enquadres clássicos de uma clínica individual e privada, ou mesmo de uma psicologia social que mantém a separação entre os registros do individual e do social, tal como a ainda predominante em nossos cursos de formação.

1.2 CLÍNICA-ESCOLA DE PSICOLOGIA

Segundo Teixeira (2007) a escassez de serviços psicológicos destinados à comunidade carente constitui um dos sérios problemas enfrentados pelas clínicas-escola das universidades, causando listas de espera infundáveis e obstaculizando a operacionalidade institucional. Entretanto, reconhecemos que, em muitos fluxogramas da formação do psicólogo, não é atribuída ênfase à pluralidade de formas de intervenções psicológicas, sendo ressaltado, particularmente, o atendimento em consultório individual e privado. Mesmo o acompanhamento de pacientes realizado em ambulatório público não se diferencia, necessariamente, do modelo clínico privado não institucional, daí o caráter institucional dever ser considerado nos vínculos desde a recepção do paciente e, especialmente, na aliança terapêutica propriamente dita.

De acordo com Löhr e Silhares (2006), a clínica-escola apresenta uma tríplice demanda: a de atender as necessidades da comunidade que vem em busca de atendimento psicológico, as solicitações dos alunos que desejam uma formação sólida, e as da ciência, em compromisso com a produção de conhecimento. Porém, em estudos realizados por Silhares (1991), foi indicado que, de alguma maneira, nenhuma dessas instâncias estava sendo contemplada. Vendo que as necessidades da comunidade não estavam sendo supridas e um dos motivos era a extensa fila de espera por atendimento psicológico, Silhares (1991) propôs a busca de novas formas de atendimento, como o atendimento em grupo, e Herzberg e Chammas (2009) propuseram a triagem estendida, já que, dessa forma, mais pessoas

poderiam ser atendidas ao mesmo tempo, diminuindo, assim, o tempo de espera por atendimento.

1.3 CONTOS DE FADAS

Como apontado por Corso e Corso (2006), vivemos num momento em que a tradição oral das histórias está perdendo espaço para o império das imagens. O estímulo visual cresce e acaba colocando cor e forma aos personagens que antes eram exclusividades, já que cada indivíduo os imaginava em um formato pessoal e único. Apesar de todas essas transformações, muitas histórias, tais como contos de fadas, têm sobrevivido através desses novos meios e perduram evocando as mesmas emoções. Esse fato é um estímulo para a elaboração e realização desta pesquisa.

1.3.1. Contos de fadas e efeitos terapêuticos em crianças

Bettelheim (1980) foi precursor no desenvolvimento de uma concepção teórica da mediação terapêutica desencadeada pelo exercício de certas atividades, tais como a utilização dos contos de fadas. Nesse sentido, tentou reunir e sistematizar as ideias sobre a importância dos contos de fadas na vida das crianças. Entre as suas ideias, destaca-se a afirmação de que os contos oferecem um sentido a situações que as crianças têm ou tiveram ocasião de viver, o que já contém por si um aspecto terapêutico.

Para Bettelheim (1980), uma das funções da narrativa dos contos de fadas é alimentar os recursos internos de que a criança necessita para lidar com seus problemas interiores, próprios do processo maturacional e refletidas em situações cotidianas. Os contos de fadas oferecem à criança algumas “sugestões” para elaboração dos conflitos de forma simbólica, propiciando no seu enredo elementos adequados para a elaboração desses conflitos. A linguagem simbólica é semelhante à linguagem dos sonhos e do próprio inconsciente. A partir desse raciocínio, aponta que a forma e a estrutura desses contos sugerem imagens às crianças com as quais elas podem estruturar seus devaneios. As narrativas orais de contos de fadas se mostram, portanto, significativas a partir do momento em que a criança encontra sua própria solução por meio da contemplação do que a história parece mostrar acerca de seus conflitos internos. O conteúdo do conto escolhido pode ou não ter a ver com sua vida exterior, mas através de um processo de devaneios e significações inconscientes acerca das situações

vivenciadas no dia a dia e as situações apresentadas no enredo, a criança pode encontrar no conto a possibilidade de mobilizar recursos internos que a auxiliarão na solução de seus problemas interiores.

São inúmeros os trabalhos existentes acerca dos contos de fadas e suas colaborações terapêuticas. Safra (2005), porém, não concorda com o uso indiscriminado dos contos de fadas quando se tem como objetivo o seu uso terapêutico. O autor afirma que para que o conto possa ser usado benéficamente por uma criança, é preciso conhecer o momento do processo maturacional em que ela se encontra, seu meio cultural, suas angústias, caso contrário, corre-se o risco de contar à criança uma história que intensifica suas ansiedades, ao invés de ajudá-la na elaboração das mesmas. Para conhecer melhor o processo maturacional em que a criança se encontra, deve-se tomar algumas providências, tais como entrevistas minuciosas com os pais ou responsáveis a fim de coletar dados sobre a vida da criança e suas relações.

No trabalho diário do psicólogo clínico, é cada dia maior a necessidade de contar com procedimentos que possibilitem intervir em momentos de vida das crianças. Safra (2005) destaca dois momentos cruciais que podem ocorrer durante o desenvolvimento natural infantil: o primeiro é aquele no qual, pelo incremento da angústia, ocorre uma parada no processo maturacional da criança e o aparecimento de sintoma indicador de conflito; o segundo ocorre naquelas situações de crise provocadas pelo fluxo natural da vida (mortes, mudanças, separações, etc.). O autor cita que uma das soluções estaria na consulta terapêutica, na qual, com poucas sessões, tenta-se trabalhar com a angústia emergente da vida emocional infantil.

Safra (2005) considera ainda:

Buscando no registro lúdico maneiras de auxiliar a criança na elaboração de seus conflitos, minha atenção voltou-se para as histórias infantis como modo de comunicação adequado ao momento do processo maturacional no qual a criança se encontra. O conto é uma forma de expressão mais próxima daquela que naturalmente é utilizada pela criança na organização, elaboração e superação de seus conflitos psíquicos. (pp. 21-22).

Ao narrar histórias para as crianças, estimula-se sua imaginação de modo que se promove uma melhoria na sua qualidade de vida, já que as histórias oferecem a possibilidade de a criança continuar vivenciando situações prazerosas da infância que podem não estar sendo realizadas concretamente devido a alguma circunstância (Ribeiro, 2004).

Esse mesmo sentido é apontado em trabalho desenvolvido por Gutfreind (2003) quando ressalta que brincando com outras histórias e seus respectivos contadores, as crianças retomam o seu fio narrativo e relacional. Isso porque os contos falam de tudo sem nada

ameaçar e, por suas metáforas, podem trazer histórias terríveis, mas que, dentro do conto, deixam de ser ameaçadoras. Assim, utilizando-se de outras histórias, as crianças podem recontar, reouvir e reviver suas próprias histórias para, a partir disso, construí-las, contá-las, expressá-las e, sobretudo, elaborá-las. O conto oferece representações dos dramas principais (separação, rivalidade, morte) e de forma não ameaçadora.

1.3.2 Contos de fadas em metodologias de pesquisas

São vários os trabalhos dentro da área de psicologia que apresentam como instrumento os contos de fadas. Cada autor utiliza esse material com uma metodologia diferente, porém, na maioria dos trabalhos estudados, percebeu-se que os resultados obtidos são favoráveis.

Barone (2004) trabalha com o contar fábulas para uma criança de 7 anos utilizando uma técnica a partir da proposta do método interpretativo com o objetivo de abrir novas trilhas de investigação. A atividade consiste em ler uma fábula, parte por parte, pedir que a criança desenhe cada uma delas e que ao final de cada desenho narre o que desenhou. No final, ele teria, unindo os diversos desenhos feitos, uma espécie de livrinho, que serviria então para ser “lido” pela própria criança. A autora denominou isso de imaginação.

Com essa metodologia, pôde-se perceber que a transferência se torna bastante exposta e, portanto, torna-se mais acessível de se trabalhar. Percebeu-se também que o distanciamento facultado pelo simbólico foi rompido e a fala tomou corpo, fazendo com que a criança se reconhecesse como autor daquela produção e, ao mesmo tempo, foi estabelecida uma distância entre o sujeito e o objeto. Outro resultado interessante foi que a palavra em si teve o poder de dar sentido e de organizar o caos experimentado pela criança, ao mesmo tempo, permitiu o deslocamento do contágio, a nomeação das coisas e o estabelecimento de relações entre sujeito e objeto.

O ato interpretativo a partir da atividade de imaginação (termo estabelecido por Barone (2004) para se referir à sua metodologia) fez surgir as leis que aprisionavam a criança. Impossibilitada de mediação simbólica, a criança, do caos em que vivia (de imagens/fantasias e palavras concretas, num campo no qual os limites entre sujeito e objeto, realidade e desejo eram pouco delineados), pôde diferenciar-se e produzir uma narrativa, agora com o distanciamento devido.

1.4 DESENHOS COMO RECURSO AUXILIAR NAS OFICINAS TERAPÊUTICAS COM CRIANÇAS

A atividade de desenhar é frequentemente observada em crianças em diversos momentos de suas vidas. Quando se considera o contexto em que essa criança vive e o momento pelo qual está passando, pode-se perceber o quanto o conteúdo latente do desenho que ela realiza se assemelha com sua realidade. O desenho pode ser interpretado como projeção do conteúdo inconsciente e essa atividade pode trazer benefícios psíquicos às crianças se devidamente interpretados.

Segundo Fernandes (2007), toda interpretação é sempre subjetiva (embora tendo a preocupação de tornar-se objetiva), pois o olhar que se fixa sobre a produção marca e carrega consigo uma história de vida particular, da qual é impossível se eximir. Diz ainda que toda representação é subjetiva e particular, mesmo ancorada no social, pois se forma pela experiência, pelo contato, pelos sentimentos e afetividade que cada pessoa estabelece com os objetos, demais pessoas, eventos e situações do meio social, porém, como sujeito pertencente de um determinado grupo social (por raça, etnia, classe social, idade, gênero, etc.), é representante da mentalidade deste (quando a afirma ou a nega). O desenho, como figuração gráfica e expressão simbólica, é produto de uma intenção de se representar algo; portanto, é carregado de sentidos e significados que fornecem indícios do modo como a pessoa e o grupo social se relacionam com o ambiente natural e sociocultural.

Fernandes (2006) desenvolveu um trabalho onde utilizou o desenho como recurso auxiliar em psicoterapia de grupo com crianças, cujo objetivo foi o de refletir sobre o funcionamento de um grupo de crianças com idades entre 6 e 8 anos. Utilizaram a linguagem do desenho como elemento de trabalho. A autora afirma que as crianças de 4 a 12 anos, em geral, desenhavam com muita frequência e facilidade e falavam pouco, ou seja, utilizam mais linguagem gráfica que a verbalização.

Após a realização desse trabalho, a autora percebeu que atrás do desenho se escondia uma atividade inconsciente profunda. Tratou-se o desenho como sendo uma produção no inconsciente do objeto representado e, em outros momentos, a expressão de um gesto mágico e, algumas vezes, reparador.

O trabalho realizado por Fernandes (2006) teve como conclusão que a criação artística e o crescimento psíquico estão sobrepostos. Pareceram ser processos similares cuja origem pode ser encontrada talvez na posição depressiva precoce. No entanto, a criança é obrigada a utilizar o objeto para sair da relação fusional, a fim de criar ela mesma e recriar simbolicamente seu mundo. Concluiu também que o vínculo estabelecido entre o grupo e o terapeuta — a continência e a capacidade que ambos podem produzir no sentido de

desintoxicar as imagens das crueldades do conteúdo fantasmático — pode ser um recurso inestimável para o desenvolvimento e crescimento emocional.

Costa (2004) destaca que na análise com crianças deve-se utilizar desenhos para que com esse material elas possam elaborar as situações difíceis e traumáticas.

Segundo Retondo (2000), os desenhos das crianças são considerados um meio privilegiado para a descoberta do seu mundo interno e da sua psicodinâmica, além de constituírem um modo natural de expressão para as mesmas. Sendo um meio de expressão e de comunicação, revela muito do inconsciente daquele que o faz. O desenho projetivo é considerado uma fonte frutífera, econômica e profunda de informação e compreensão da personalidade.

Sempre que houver alguma barreira para a linguagem, o desenho apresenta um potencial facilitador na expressão da personalidade, servindo também como um meio de descontração, mesmo com uma criança tímida. [...]. Da oportunidade de se observar e analisar um grande número de desenhos, fica claro o surgimento e a elucidação de sentimentos que os pacientes talvez nunca poderiam ser capazes de expressar com palavras, mesmo que estivessem inteiramente conscientes desses estados que os atormentam e os mobilizam. Os sentimentos e conflitos dos pacientes, sejam eles adultos ou crianças, freqüentemente infiltram-se em seus desenhos, involuntária e/ou inconscientemente. O desenho não constitui uma reprodução fiel da realidade. É antes uma interpretação da realidade, uma maneira de se ver as coisas e de se colocar diante delas. (p. 16).

1.5 TESTES PROJETIVOS

Existe uma variedade expressiva de instrumentos de avaliação psicológica gerados para a exploração de diversas variáveis e processos psicológicos. Cada tipo de instrumento oferece atributos positivos e limitações que o psicólogo deve considerar quando o inclui ou exclui de um processo avaliativo. As técnicas projetivas, como instrumentos que geram hipóteses interpretativas, são importantes ferramentas para a identificação de características e traços de personalidade, bem como de sinais e sintomas relacionados a quadros psicopatológicos. (Fensterseifer & Werlang, 2008).

Segundo Laplanche e Pontalis (2004), o termo projeção no sentido propriamente psicanalítico é a operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro — pessoa ou coisa — qualidades, sentimentos, desejos e mesmo “objetos” que ele desconhece ou recusa nele.

Valendo-se das ideias psicanalíticas e protestando contra as principais correntes da psicologia acadêmica da época, que tinham sua atenção voltada, principalmente, para a resposta dos sujeitos frente a determinados estímulos, desvalorizando os componentes internos que podiam estar envolvidos naquele processo, surgiu a psicologia projetiva, nome

dado a um ramo da psicologia que se refere a um conjunto de pressupostos, hipóteses e proposições, expresso em métodos projetivos usado por psicólogos clínicos para o estudo e o diagnóstico da personalidade humana (Abt, 1984). Para Anzieu (1986), o principal objetivo da psicologia projetiva é “colocar em evidência o conjunto dos fatores internos, de registro puramente psicológico, intervenientes nas condutas humanas” (p. 263).

Fensterseifer e Werlang (2008) pontuam que considerando que as técnicas projetivas visam favorecer intensamente o aparecimento do mundo interno do testando, justifica-se o uso de estímulos com elementos suficientes, apenas, para eliciar uma resposta possível de ser avaliada. As autoras destacam que a percepção é uma função exercida por fatores externos, do campo da estimulação, e por fatores internos, conforme a ordem e a intensidade das necessidades do indivíduo, e que os estímulos serão percebidos conforme o que estiver mais evidente.

Em oposição à tradição psicométrica, que valoriza os procedimentos quantitativos, estatísticos e normativos, as técnicas baseadas na projeção enfatizam os aspectos qualitativos e psicológicos do sujeito avaliado, identificando tendências espontâneas, motivadas por necessidades implícitas (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Porém, é importante destacar que mesmo com os testes projetivos pode ser possível e fundamental analisar alguns aspectos quantitativos.

Fensterseifer e Werlang (2008) destacam que, na tarefa de interpretação de testes projetivos, cabe ao psicólogo desvendar as motivações inconscientes que se deflagram no momento em que as respostas são elaboradas. O mundo interno do indivíduo traduz-se através do desenvolvimento das forças psicológicas envolvidas nas respostas dadas ao teste. Ainda assim, deve-se enfatizar o que diz Montagna (1989): “não podemos tomar esta interpretação como sendo a expressão de fato do comportamento do sujeito, mas sim de suas necessidades e fantasias” (p. 9).

Com relação às técnicas projetivas, Anastase e Urbina (2000) pontuam que estas apresentam uma discrepância entre a pesquisa e a prática, pois quando são avaliadas na perspectiva psicométrica apresentam um resultado fraco. Entretanto, a sua aplicação clínica não se reduziu por esse aspecto, ao contrário, a maioria dos testes projetivos passou a ser considerada, fundamentalmente, como instrumento clínico. Nesse sentido, as autoras consideram que o valor do instrumento clínico é proporcional à habilidade do profissional.

Para Grassano (1996), a partir da perspectiva da Teoria das Relações Objetais, os diferentes testes projetivos oferecem estímulos com estruturação ambígua ou formas muito definidas e pouco usuais, sendo possível, por meio das condutas verbais, gráficas ou lúdicas do examinando, a observação da capacidade do mesmo para dar forma, organização e sentido

emocional ao aspecto da realidade que o estímulo projetivo representa. Pranchas ou instruções atuam na situação projetiva como mediadores das relações vinculares pessoais, que mobilizam e reeditam vários aspectos da vida emocional, sendo toda produção projetiva, assim, produto de uma síntese pessoal.

De forma generalizada as projeções são tendências inconscientes — de uma pessoa — que são atribuídas - a outras pessoas ou coisas - após uma transformação, geralmente no oposto. As técnicas projetivas implicam em uma solicitação ao sujeito para que libere sua criatividade, sob as condições impostas pelo “teste”, podendo, através destes testes, projetar “o mal objeto”, obtendo controle sobre a fonte de perigo revelada ficando livre, para atacar ou destruí-lo, como também, evitar a separação do bom objeto, reparando-o. (Fine, 1981)

1.5.1 Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A)

O teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (Children’s Apperception Test), de Leopold Bellak e Sorel Bellak, foi publicado em 1949. É um descendente direto do Teste de Apercepção Temática (TAT), de Henry Murray, considerado um instrumento projetivo eficaz para avaliação de adultos, mas que não atendia satisfatoriamente às necessidades dos estímulos com crianças pequenas — figuras com situações mais pertinentes ao mundo adulto. Diante da constatação de que é mais fácil para crianças pequenas identificarem-se com animais do que com pessoas, Bellak e Bellak (1949/1991) criaram o CAT-A, que se destina à faixa etária de 3 a 10 anos e é composto por dez pranchas com cenas de animais em situações humanas (Anzieu, 1986).

O CAT-A aborda uma dinâmica holística da personalidade, uma estrutura evolutiva onde os elementos se interagem e a pessoa expressa em uma atividade construtiva e interpretativa a fantasia interior. Segundo Formiga e Mello (2000), na medida em que os estímulos pouco ou nada estruturados são apresentados diante do sujeito, sua resposta é sempre projetiva, reveladora de sua maneira particular de ver a situação, de sentir e interpretar. Tais estímulos provocam projeções em condições ótimas, economizando tempo e esforço, quando comparados a situações menos ambíguas e indefinidas.

O CAT-A consta atualmente da relação de testes, divulgada pelo Conselho Federal de Psicologia (Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos — SATEPSI), com parecer desfavorável. Embora não possa ser utilizado na prática corriqueira dos profissionais, pode ser utilizado para fins de pesquisa, que constitui o meio pelo qual, eventualmente, poderá ter este parecer revertido, uma vez que seu precursor, o Teste de Apercepção Temática, criado segundo princípios semelhantes, tem parecer favorável.

2 OBJETIVOS

A presente pesquisa visou contribuir para o desenvolvimento do atendimento de crianças, na modalidade de oficina terapêutica, em serviço-escola.

2.1 OBJETIVOS GERAIS

- Verificar o impacto da realização da oficina terapêutica de contos de fadas com crianças de 6 e 7 anos no fluxo de atendimento e na vivência dos participantes, no contexto de uma clínica-escola.
- Avaliar se o instrumento projetivo CAT-A contribui como uma das formas de mensurar resultados da pesquisa e, em caso positivo, de que forma.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar se há ampliação na compreensão e elaboração das queixas iniciais trazidas pelos pais e/ou responsáveis das crianças participantes.
- Refletir sobre as possíveis contribuições do uso de contos de fadas e desenhos no contexto de grupo em vivências de crianças.
- Avaliar se há contribuições da realização da oficina no fluxo da fila de espera de uma clínica-escola.

3 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e foi embasada no referencial psicanalítico. Segundo Turato (2008), a opção pelo trabalho com a ciência qualitativa não se deve dar por certos critérios de exclusão, mas por critérios científicos de escolha clara, ou seja, não, por exemplo, por dificuldade do investigador em usar a matemática, mas pelo interesse no estudo do significado.

O fato de a pesquisa tratar de estudos de casos e ter como base a perspectiva psicanalítica não exclui o fato de se poder quantificar alguns aspectos, o que foi de fato concretizado durante a análise dos dados.

Turato (2008) afirma ainda que os critérios da escolha pela metodologia qualitativa devem ocorrer pelo fascínio em querer entender o querer-dizer dos fenômenos humanos, o que também se pode perceber na pesquisa quantitativa.

3.1 ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de pesquisa com seres humanos, foi embasada na Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), e também na Resolução nº 010, de 21 de julho de 2005, do Código de Ética Profissional do Psicólogo. Respeitaram-se alguns aspectos centrais descritos nessas resoluções, tais como: consentimento livre e esclarecido dos responsáveis pela criança, respeitando-se sua dignidade e autonomia; garantia da possibilidade de desistência a qualquer momento da pesquisa; devida preocupação com a ponderação entre riscos e benefícios (princípio da beneficência), danos previsíveis serão evitados (não maleficência); preocupação com o bem-estar do sujeito, confidencialidade e privacidade, garantindo a proteção da imagem e não estigmatização do participante.

Para a realização da pesquisa na clínica-escola de psicologia, foi apresentada a proposta de trabalho, e esclarecido o método que seria utilizado, ao coordenador e aos técnicos da instituição. A clínica-escola, então, concedeu uma autorização para a realização da pesquisa.

Por se tratar de pesquisa com crianças, respeitou-se o art. 8º das responsabilidades dos psicólogos, do Código de Ética Profissional do Psicólogo, que afirma que para realizar

atendimento não eventual de criança, adolescente ou interdito, o psicólogo deverá obter autorização de ao menos um de seus responsáveis, observadas as determinações da legislação vigente. Para cumprimento desse quesito, foi solicitada a assinatura dos pais e/ou responsáveis no Termo de Consentimento Livre-Esclarecido (anexo A) antes de se dar início aos encontros com as crianças.

Antes de ser realizada, a pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética de Pesquisa com Seres Humanos e somente após o recebimento da aprovação deu-se início às atividades. A devida autorização encontra-se no anexo B.

3.2 LOCAL DA COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada na Clínica-Escola Psicológica Durval Marcondes, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Foi utilizada uma sala própria para atendimento em grupo e um consultório individual para a realização dos encontros com as crianças e seus pais e/ou responsáveis.

3.3 PARTICIPANTES

Foi realizada uma oficina terapêutica onde participaram cinco crianças na faixa etária entre 6 e 7 anos. A escolha da faixa etária deu-se a partir do estudo dos prontuários das crianças que aguardavam atendimento, onde a demanda nessa idade era maior. Todas as crianças participantes estavam na fila de espera aguardando atendimento psicoterápico na clínica-escola.

Crítérios de Inclusão:

Foram utilizados dois critérios de inclusão: 1) as crianças deveriam estar aguardando atendimento na fila de espera da clínica-escola; 2) deveriam estar dentro da faixa etária entre 6 e 7 anos.

Crítérios de exclusão:

A oposição da própria criança na participação do grupo e o não consentimento dos pais (ou responsáveis) para a participação da criança na pesquisa. Nenhuma criança foi excluída por esse critério.

3.4 INSTRUMENTOS

3.4.1 Questionários

Foi elaborado um questionário para os pais e/ou responsáveis responderem antes do entrevista inicial. Esse questionário teve o intuito de verificar quais eram as expectativas dos pais com relação a um atendimento psicológico ao seu filho(a) e, assim, ao final do trabalho, saber se as expectativas foram ou não supridas. O questionário pré-participação da criança na oficina encontra-se no anexo C.

A fim de verificar se as expectativas dos pais e/ou responsáveis foram ou não atendidas e para obter críticas e sugestões sobre o trabalho, foi elaborado um segundo questionário (anexo F) que foi respondido pelos pais ao final da oficina.

O questionário pós-participação foi entregue aos pais no dia da entrevista de devolutiva e foi solicitado que eles o trouxessem preenchido no dia do último encontro com a criança. Foi definido que os pais levariam o questionário para preencherem em casa no intuito de evitar algum tipo de influência nas respostas que a presença da pesquisadora pusesse causar.

3.4.2 Entrevistas semiabertas

Foram realizadas entrevistas semiabertas com os pais (ou responsáveis) com a finalidade de coletar dados a respeito da criança e seu desenvolvimento. As queixas foram bastante exploradas durante este encontro. Realizou-se também uma anamnese onde foram coletados dados desde a gestação até a idade atual da criança. No mesmo encontro no qual ocorreu a realização da entrevista, foi solicitado aos pais a assinatura de três vias do Termo de Consentimento Livre-Esclarecido. Uma via para os pais, uma para a pesquisadora e a terceira foi anexada aos prontuários da clínica-escola.

Para a realização das entrevistas utilizou-se um roteiro (anexo D) elaborado com base em Ocampo e Arzeno (1981) e em Bleger (1980/2007). Esse roteiro foi aplicado de forma flexível e em formato de diálogo, e não como um inquérito direcionado aos pais.

3.4.3 Teste de Apercepção Temática Infantil (CAT-A)

A escolha da utilização desse teste projetivo ocorreu, pois seu uso ajuda na captação do mundo simbólico, que pode ser difícil que a criança expresse em conversas. Também pensou-se em uma melhor compreensão do problema, já que analogamente as técnicas projetivas favorecem ao indivíduo revelar seu mundo e a sua realidade pessoal.

3.4.4 Contos de fadas

Foram utilizados nove contos de fadas retirados das obras de Grimm e Grimm (2008) e Andersen (2005). Aqueles que serão utilizados aqui estão dispostos na íntegra no anexo E.

3.4.5 Outros materiais

Para a realização das oficinas também foram utilizados papéis ofício, lápis de colorir, lápis grafite, borrachas e massa de modelar.

3.5 PROCEDIMENTOS

3.5.1 Reconhecimento e observação do campo

Um primeiro contato com a clínica-escola foi realizado em julho de 2006, quando a pesquisadora efetuou um estágio com o objetivo de observar e entender o funcionamento da instituição, assim como entender as relações e atribuições dos funcionários e dos pacientes. Durante esse primeiro contato, a pesquisadora acompanhou triagens realizadas por duas psicólogas da clínica e participou de uma reunião com três técnicos (psicólogos), uma assistente social e a coordenadora da clínica. Foi apresentado à pesquisadora os serviços da secretaria, como agendamento de salas, reserva de testes, uso do telefone, manuseio de prontuários e o entendimento do programa (software) que gerencia a clínica, o PSICOUSP. Foi possível, então, a partir desse primeiro contato, estruturar melhor o funcionamento de tal instituição.

Após o consentimento da clínica-escola para a realização da pesquisa, foram realizadas observações no movimento de pessoas que procuravam os serviços da clínica a fim de verificar o tipo de demanda que aparecia.

3.5.2 Levantamento de prontuários e escolha dos participantes

Primeiramente, foram realizados alguns encontros com as psicólogas da equipe técnica da clínica-escola para que estas encaminhassem à pesquisadora as triagens que foram realizadas com crianças de 6 e 7 anos que estavam na fila de espera. Foram selecionadas cinco triagens que se encaixaram nos critérios de inclusão.

3.5.3 Contato com os pais e/ou responsáveis

Após a seleção dos prováveis cinco participantes, foi realizado um primeiro contato com os pais ou responsáveis por telefone onde foram informados sobre o que se tratava e, de forma resumida, foi-lhes explicado sobre o funcionamento da pesquisa. Houve o interesse por parte de todos os responsáveis contatados e, assim, agendou-se uma entrevista com os mesmos. Foi solicitado que, se possível, os pais participassem da entrevista e foi dito que neste primeiro momento não seria necessária a presença da criança.

3.5.4 Entrevista inicial com pais e/ou responsáveis

Durante a entrevista, foi esclarecido aos responsáveis o funcionamento das oficinas e, sendo de comum acordo, solicitou-se a assinatura em três vias do termo de consentimento livre-esclarecido. Foram recolhidas informações sobre a história de vida da criança com a realização de uma completa anamnese semiestruturada (baseada no roteiro citado no item 3.4.2). Informou-se aos responsáveis, dentre outras questões, que ao final das oficinas terapêuticas seria agendado um novo encontro com eles no intuito de realizar uma devolutiva do que ocorreu durante o trabalho e também de coletar informações sobre o comportamento da criança durante e após o término da participação na pesquisa.

Foi explicado aos pais sobre o não prejuízo da criança com relação a um futuro atendimento na clínica-escola, tendo sido esclarecido que a pesquisa se constituía em uma

oportunidade de a criança participar de uma atividade enquanto aguardava atendimento e que, ao fim das oficinas, seriam revistas suas necessidades e ela seria devidamente encaminhada.

3.5.5 Primeiro contato com as crianças e aplicação do teste projetivo

Durante a entrevista com os pais, foi, então, agendado um horário para o primeiro encontro individual com as crianças, onde lhes foi esclarecido sobre o funcionamento das oficinas e, com suas aprovações, realizou-se a aplicação CAT-A, que foi repetida na última sessão individual com a criança — intervalo médio de cinco meses entre cada aplicação.

3.5.6 Desenvolvimento das oficinas

Após a aplicação do teste nas cinco crianças, deu-se início à oficina que foi constituída por onze encontros semanais com duração de, em média, uma hora e quinze minutos cada.

No primeiro encontro com o grupo, foi realizada uma atividade que visou à apresentação de cada membro. Utilizou-se para essa atividade massa de modelar, com a qual cada criança fez um animal e este apresentou seu dono, que eram as próprias crianças, assim, cada criança apresentou-se a partir de seu animal. Em seguida, foi sugerido pela pesquisadora uma brincadeira da memória com os nomes das crianças no intuito de proporcionar um maior entrosamento entre elas.

No último encontro (11º) com o grupo, foi realizada uma outra dinâmica de grupo no intuito de dar um fechamento ao trabalho. A dinâmica girou em torno da despedida e uma das questões abordadas foi o que cada criança levou consigo depois da participação no grupo.

Corso & Corso (2006) estruturam os capítulos do livro *Fadas no divã* agrupando alguns contos, tendo como eixo as fantasias que acreditam que eles suscitam. A disposição dos contos em cada capítulo segue, segundo suas interpretações, fases do desenvolvimento das crianças, por exemplo, no primeiro capítulo é inserido o conto “O patinho feio”, que, segundo os autores, geralmente, são do agrado de crianças bem pequenas, pois o que elas precisam ao se inaugurar no mundo é de um lugar aconchegante onde possam sentir-se bem-vindas, mas o patinho feio passa toda a sua infância numa espécie de exílio e nos lembra que não é fácil chegar ao mundo.

A partir dessa disposição dos contos, foram selecionados nove (sendo um de cada capítulo) para serem narrados na oficina. São eles: “O patinho feio” (2º encontro); “João e

Maria” (3º encontro); “Chapeuzinho Vermelho” (4º encontro); “Rapunzel” (5º encontro); “Branca de Neve” (6º encontro); “Bicho Peludo” (7º encontro); “Cinderela” (8º encontro); “João e o pé de feijão” (9º encontro) e “O rei sapo” ou “Henrique de Ferro” (10º encontro). Esses contos foram escolhidos pelo do critério de popularidade, aqueles que se acreditou serem os mais conhecidos pelas crianças. Porém, o conto “Bicho Peludo” não seguiu esse critério, ele foi escolhido para abordar o complexo de Édipo feminino. Com essa temática, Corso e Corso apresentaram mais dois contos: “Pele de Asno” e “O Urso e Capa-de-Junco”, cujas versões originais foram difíceis de serem encontradas.

O método utilizado para a realização das oficinas foi baseado no trabalho de Barone (2004), mas se diferencia em alguns aspectos. A metodologia foi implantada em um grupo de crianças e não somente em uma criança no consultório, como a autora realizou, também foram utilizados contos de fadas no lugar de fábulas contemporâneas.

As fábulas contemporâneas foram substituídas pelos contos de fadas devido a algumas características próprias, uma delas seria que, “ao contrário do que acontece em muitas histórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fada o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida (...)” (Bettelheim, 1980). No contexto em que a criança vive, depara-se a todo instante com vitórias e derrotas, e essa dualidade bem e mal, mostrada nos contos de fada, pode ser uma boa porta de entrada para algumas fantasias que são geradas pelas crianças ao longo de sua trajetória.

Assim como Barone realizou a divisão das fábulas, os contos escolhidos também foram narrados em três partes pré-divididas. Em cada parte narrada foi solicitada à criança a realização de um desenho, conforme descrito na figura 1. Após o término de todos os desenhos e de suas respectivas narrativas, cada criança falou sobre o que havia desenhado. Com isso, a pesquisadora tinha como finalidade uma leitura interpretativa de cada desenho por parte das crianças. A pesquisadora também narrava ao grupo o conjunto da história criada pelas cinco crianças.

Figura 1. Descrição das etapas seguidas em cada oficina terapêutica.

3.5.7 Entrevista e devolutiva aos pais e/ou responsáveis

Após a realização dos onze encontros, foi reaplicado individualmente nas crianças o CAT-A com o intuito de verificar possíveis efeitos que a participação no grupo havia provocado. Realizou-se também outra entrevista com os pais, onde foi feita uma devolutiva (anexo G) do que ocorreu durante o trabalho e foram coletadas informações sobre o comportamento da criança durante e após o término da participação na oficina, com o intuito de verificar a queixa inicial.

3.5.8 Encerramento com a criança

Após a reaplicação do CAT-A nas crianças e as entrevistas finais com os responsáveis, foi solicitado um novo encontro individual com cada criança para um encerramento do trabalho. O objetivo desse encontro foi propiciar às crianças uma devolutiva do que aconteceu na oficina e falar sobre o seu término, assim, não cortando de forma abrupta um vínculo que já estava estabelecido, fato que já fora comentado ao longo do atendimento.

4 RESULTADOS

Devido à grande quantidade de dados colhidos na pesquisa, foram escolhidos três casos para serem apresentados de forma mais ampla, pois estes foram mais explícitos no que tange à compreensão da queixa trazida pelos pais e ilustram de forma mais evidente a relação entre os desenhos realizados pelas crianças durante a oficina e os significados de cada história. Assim, os resultados serão apresentados em cinco tópicos, devidamente ordenados por itens.

No primeiro tópico (4.1.) serão apresentados dados colhidos durante a entrevista inicial realizada com os pais e/ou responsáveis das três crianças participantes, assim como algumas compreensões do que foi trazido como queixa. Tais compreensões incluem as averiguações não só das queixas manifestas como também dos aspectos não explicitados, compreendidos aqui como queixas latentes.

No segundo tópico (4.2) serão articuladas observações realizadas durante os encontros da oficina e poderão ser visualizados alguns exemplos de desenhos e histórias elaboradas pelas três crianças, assim como suas possíveis relações com a queixa inicial.

Em um terceiro momento (4.3.), serão dispostas histórias narradas por essas três crianças diante de algumas pranchas do CAT-A e suas respectivas interpretações. Será discutida a importância desse instrumento projetivo para uma melhor compreensão de cada caso e sua relação com as queixas previamente expostas.

No item 4.4 serão apresentados relatos dos pais e/ou responsáveis das três crianças durante a entrevista final, assim como algumas observações da psicóloga pesquisadora. Esses dados são importantes para verificação de possíveis benefícios que a oficina pôde alcançar.

Por fim, no quinto tópico (4.5.), serão dispostos de forma resumida alguns dados dos outros dois participantes com o panorama geral subdividido por temáticas.

4.1 ENTREVISTA INICIAL COM OS PAIS

Ampliação da compreensão da queixa inicial

Durante a entrevista inicial, foi realizada uma anamnese, na qual se pôde realizar um apanhado histórico da vida da criança, além de abordar a queixa trazida pelos pais e/ou responsáveis, assim como algumas questões a respeito do desenvolvimento da criança. É importante destacar que com uma criança específica (Gustavo) tornou-se necessária a

realização de duas entrevistas iniciais, pois durante a entrevista com os pais foi destacado que a criança, desde muito pequena, passa a maior parte de seu dia na casa de sua avó paterna, que cuida de Gustavo e apresenta relação afetiva significativa. Sendo assim, esta poderia relatar dados importantes que durante a entrevista com os pais não puderam ser compreendidos.

A tabela 1 apresenta o panorama resumido de cada entrevista inicial com os pais das três crianças. Os dados foram subdivididos em cinco categorias: (a) idade de cada participante; (b) duração de cada entrevista; (c) quem participou da entrevista; (d) quais pessoas convivem na mesma casa; e (e) quais expectativas os responsáveis apresentam com relação ao atendimento (transcrição de trechos das falas dos participantes).

Tabela 1 — Dados coletados durante as entrevistas iniciais com pais e/ou responsáveis.

Participante*	Idade	Duração da entrevista	Quem participou da entrevista	Quem mora com a criança	Expectativas com relação ao atendimento
Carolina	6 anos e 8 meses	1h50min	Mãe e pai	Pais e três irmãos: mais velha de 20 anos, a do meio de 16 anos e um irmão gêmeo.	Mãe: “Espero que você consiga melhorar o que ela ta sentindo, que ela consiga melhorar”.
Gustavo	6 anos e 9 meses	1h20min	Mãe e pai	Pais e irmã de 3 anos. Passa a maior parte do dia na casa da avó paterna, que é sua vizinha.	Pai: “A gente espera que ele diminua o medo de fazer coco. Queria que você falasse o que acontece com ele, porque que ele é assim”.
Victor	7 anos e 1 mês	1h25min	Avó paterna	Avó paterna, pai, irmã da avó, tia paterna e bisavô.	Avó: “Espero que o psicólogo consiga tirar o Vitor de dentro da concha que ele se fechou e trazer ele pra fora”.

* Nomes fictícios.

Na tabela 2 podem ser visualizadas informações sobre as queixas trazidas pelos pais e/ou responsáveis das três crianças durante a primeira entrevista. Trata-se de dados descritivos, conforme expressos pelos participantes.

Tabela 2 — Queixas trazidas na entrevista inicial.

Participante	Queixa inicial	Início dos sintomas*
Carolina	Medo de ficar só e rejeição em ir à escola. “Carolina não para de me chamar um segundo, quando vou pra cozinha e ela fica na sala já vai atrás de mim [...]. Tem dias que ela tem medo de olhar para o lado, vira um bebê e fica pedindo colo.” (sic).	<ul style="list-style-type: none"> • Medo de ficar só: há dois anos (após o falecimento da avó materna). • Rejeição em ir à escola: há um ano.
Gustavo	Problemas de intestino e timidez. “Nos momentos que Gustavo precisa fazer coco, fica nervoso e irritado, pede a companhia da avó até o banheiro e segura sua mão, mas, mesmo assim, tem dificuldades em liberar as fezes. Por muitas vezes ele já fez nas roupas quando não conseguia segurar”. (sic).	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em evacuar: desde o nascimento. • Sempre foi tímido.
Victor	Agressividade. “Ele briga com os colegas da escola e com a gente da família mesmo, quando fica muito nervoso xinga e agride fisicamente as pessoas”. (sic).	<ul style="list-style-type: none"> • Há um ano e meio, quando sua mãe mudou-se para o exterior.

* Datas consideradas a partir da data da entrevista inicial.

As queixas trazidas pelos pais das três crianças puderam ser ampliadas na tabela 3. Dessa forma, tornou-se possível levantar hipóteses latentes com relação a cada queixa manifestada pelos pais e/ou responsáveis e explorar os possíveis conflitos que giram em torno delas. Nesta tabela serão expostos dados resultantes das respostas dadas a algumas questões formuladas pela pesquisadora durante a entrevista inicial. Esses apontamentos podem ajudar a compreender alguns andamentos posteriores dos processos.

Tabela 3 — Ampliação das queixas.

Participante	Ampliação da queixa
Carolina	<p>Maria (mãe da criança) relaciona o início dos sintomas com a morte de sua mãe, avó materna de Carolina, pois a criança acompanhou todo o desenvolvimento de sua doença. “Chorei muito e compulsivamente durante todo o velório e o enterro de minha mãe [...], a partir disso, ela começou a não querer ficar longe de mim.” (sic.).</p> <p>Questionada sobre a rejeição em ir à escola, Maria afirma que provavelmente esteja acoplada com seu medo de ficar sozinha, pois em alguns momentos Carolina aceitava ir apenas se sua irmã mais velha ficasse esperando do lado de fora.</p> <p>A mãe relata um fato que afirma ter sido importante: diz que ao ficar grávida de gêmeos e saber que um dos bebês era do sexo masculino, comemorou muito e acredita que desejou mais um que outro. Diz que carrega muita culpa por isso e tenta recompensar Carolina fazendo com que ela fique muito próxima.</p> <p>A garota encontra dificuldade em achar seu espaço, já que devido às circunstâncias (internas e externas) descritas, ela precisou agarrar-se à mãe que, por sua vez, acolheu-a mantendo um relacionamento bastante estreito.</p>
Gustavo	<p>Nair (mãe da criança) comenta que fica muito nervosa quando Gustavo não evacua e, por isso, briga muito com ele. Quando questionada sobre esse sentimento, Nair diz que até acha que isso pode contribuir para que Gustavo não evacue.</p> <p>Durante a entrevista, Nair diz: “Toda a minha gravidez eu desejei que ele não viesse, mas, infelizmente, acabou vindo, fazer o que né?!” (sic).</p> <p>Questionada sobre esse fato, a mãe afirma que o relacionamento entre eles nunca foi harmonioso e que Gustavo é mais apegado à avó paterna do que a ela.</p> <p>Perante os relatos e alguns comportamentos de Nair durante toda a entrevista, notou-se uma relação conflituosa entre mãe e filho, parece existir certa dificuldade no relacionamento afetivo entre eles. É possível observar uma relação aparentemente distante.</p>
Victor	<p>A mãe de Victor mudou-se para o exterior e transferiu a guarda de seu filho para a avó paterna. Eles conversavam pela internet e, segundo avó paterna, brigavam frequentemente, pois Victor tratava mal sua mãe alegando que esta o havia abandonado.</p> <p>Percebeu-se através das falas e comportamentos da avó que ela apresenta sentimentos negativos com relação à mãe da criança e verbaliza isso a Victor, o que pode influenciar para que ele também construa sentimentos negativos sobre a mãe.</p> <p>A avó afirma que a agressividade de Victor iniciou-se após a partida da mãe. Uma hipótese seria a de que Victor transfere a raiva em forma de agressividade aos seus colegas e familiares, já que sua mãe está longe e isso não pode ser atribuído diretamente (e pessoalmente) a ela.</p>

4.2 OFICINAS TERAPÊUTICAS: CONTOS DE FADAS E DESENHOS

Realizou-se, ao todo, onze encontros, sendo que durante o primeiro e o último não foram narrados contos de fadas. Nesses encontros foram realizados, respectivamente, uma dinâmica de abertura e entrosamento das crianças e uma técnica de encerramento para finalizar o momento do grupo como um todo. Assim, houve um total de nove encontros com a narração de contos de fadas e nove blocos de desenhos de cada criança. Para cada conto narrado, foram confeccionados três desenhos por criança.

A escolha dos contos deu-se segundo as fases do desenvolvimento, tomando-se como referência o descrito por Corso e Corso (2006). Na tabela 4 é possível verificar quais contos foram narrados, quais possíveis significados eles podem abarcar segundo esses autores e quais crianças estavam presentes no encontro.

Tabela 4 — Contos de fadas, possíveis questões abordadas e presenças.

Presenças	Contos de fadas	Temáticas possíveis*
2º encontro Carolina Gustavo Victor Viviane	O Patinho Feio	Desamparo infantil Vínculo mãe-bebê Angústia de separação Sentimentos de inadequação e de rejeição na família
3º encontro Carolina Leonardo Victor	João e Maria	Concepção oral do mundo Desmame Fantasia de ser devorado
4º encontro Carolina Gustavo Leonardo Victor	Chapeuzinho Vermelho	Perda da inocência Curiosidade sexual infantil Fantasias de sedução por um adulto
5º encontro Leonardo Victor	Rapunzel	Simbiose materna Dificuldade materna diante do crescimento Desafios na instalação da paternidade
6º encontro Leonardo Victor	Branca de Neve	Identificação da menina com a mãe Importância da inveja materna Amor e ódio da filha pela mãe

continua

<i>conclusão</i>		
Presenças	Contos de fadas	Temáticas possíveis*
7º encontro Leonardo Victor Viviane	O Bicho Peludo	Complexo de Édipo feminino Construção da sedução feminina
8º encontro Gustavo Victor Viviane	Cinderela	Diferentes papéis atribuídos à figura da mãe Rivalidade fraterna
9º encontro Carolina Gustavo Leonardo	João e o pé de feijão	As várias faces do pai Construção da identidade no menino

* Segundo Corso & Corso (2006).

Serão expostos dados dos três casos para ilustrar os desenhos e as respectivas histórias narradas pelas crianças. Durante o último encontro, foi solicitado pela pesquisadora que as crianças escolhessem, dentre todos os contos escutados, aquele que elas mais gostaram. Carolina escolheu “João e Maria”, Gustavo preferiu “O Patinho Feio” e Victor gostou mais do “João e o pé de feijão”. Assim sendo, serão expostos os desenhos confeccionados durante a narração da história preferida de cada criança.

Na tabela 5 estão expostos os desenhos feitos por Carolina durante o 3º encontro com o grupo, em que foi narrado o conto “João e Maria”. Além disso, estão dispostos os comentários realizados pela criança sobre seus desenhos assim como as observações da pesquisadora.

Tabela 5 — Desenhos e comentários de Carolina e observações da pesquisadora.

Desenhos*	Comentários da criança	Observações da pesquisadora
<p>“Eu fiz mais ou menos igual ele (aponta para um colega do grupo que já havia falado sobre o seu desenho), o João e a Maria seguindo as pedrinhas para chegar até em casa.” (sic.)</p>	<p>Carolina desenha os dois irmãos de mãos dadas seguindo de volta o trajeto que fizeram quando o pai e a madrasta os levaram para o meio da floresta. A criança desenha duas árvores que podem representar tanto a floresta quanto a casa. Pode-se levantar a hipótese de haver um relacionamento simbiótico entre a criança e seus familiares (queixa trazida pela mãe) no desenho dos irmãos de mãos dadas.</p>
<p>“Eu gostei mais da parte que eles estão no meio da floresta e passa um passarinho e eles ficam olhando.” (sic.)</p>	<p>A árvore que representa a floresta (fora de casa) aparece de forma bem mais atraente do que a árvore que representa a casa dos personagens. A primeira árvore foi desenhada maior e com passarinhos (que as crianças “ficam olhando”), enquanto a outra está menor e sem atrativos. O céu nesta figura aparece mais bem delineado, tanto as nuvens quanto o sol, e menos primitivo, o que pode representar a simbiose mãe-bebê desmanchando-se, assim como com o irmão, pois pode-se perceber que eles não aparecem mais de mãos dadas.</p>
<p>“A minha história foi quando o João e a Maria estavam pegando as pedrinhas preciosas no chão.” (sic.)</p>	<p>O irmão é desenhado próximo à árvore que representa a casa de origem e “Maria” fica ao lado da árvore que pode representar a floresta, a independência. As árvores aparecem cheias de frutos, o que pode representar criação, produção, desenvolvimento.</p>

* As dimensões dos desenhos não são fiéis aos originais, realizados em folha A4.

Tabela 6 — Desenhos e comentários de Gustavo e observações da pesquisadora.

Desenhos*	Comentários da criança	Observações da pesquisadora
“Os ovos e os patos, o Patinho Feio ainda não nasceu.” (sic.)	Quando se pensa na situação que a mãe da criança traz de que não desejou a gravidez, pode-se pensar o quanto é difícil para a criança ter que sair “do ovo” (útero da mãe) e enfrentar uma possível rejeição.
“Desenhei que ele tava nadando, antes de congelar.” (sic.)	É possível visualizar a luta do animal pela sobrevivência, que é bastante exaustiva, pois ele precisa correr constantemente para não congelar. Mas, mesmo tendo que enfrentar as dificuldades, o patinho utiliza seus recursos e consegue manter-se vivo.
“A parte que o homem quebrou o gelo com a marreta.” (sic.)	Alguém de fora, que antes não estava na história, apareceu para ajudar o patinho excluído. Pode-se pensar aqui em uma possível transferência que Gustavo manifesta com relação à pesquisadora, que é alguém de fora do seu contexto familiar que está ali para ajudá-lo.

* As dimensões dos desenhos não são fiéis aos originais, realizados em folha A4.

Os desenhos e comentários de Gustavo aparecem diretamente ligados aos temas propostos pelo conto: a relação mãe-bebê e o sentimento de rejeição. Os desenhos de Gustavo, se comparados com os de crianças da sua idade, estão aquém do esperado, são primitivos, o que mostra em que medida suas dificuldades emocionais interferem tanto em seu desempenho na confecção dos desenhos quanto em outras tarefas realizadas.

Por fim, é possível visualizar, na tabela 7, os desenhos realizados por Victor durante a narrativa da sua história de preferência: “João e o pé de feijão”. Também são relatados os comentários da criança sobre seus desenhos e as observações da pesquisadora acerca deles.

Tabela 7 — Desenhos e comentários de Victor e observações da pesquisadora.

Desenhos*	Comentários da criança	Observações da pesquisadora
<p>“Bem, aqui, não desenhei o gigante, mas ele tá sentado aqui, a mulher dele aqui, aqui é a galinha e tá saindo ovo, botou o ovo, aqui é a harpa encantada cantando: ‘um passarinho que voa pro sul bem longe do ninho, é um avestruz, não é um pica-pau, hey, eu sou um pica-pau, hey!’ (e o gigante onde está?) Eu não desenhei ele, mas ele tá aqui sentado, e a mulher dele tá aqui.” (sic)</p>	<p>Embora o gigante e sua esposa apareçam na história narrada pela criança, não estão presentes no desenho, apenas a harpa e a galinha. Essas figuras mágicas fazem os adultos desaparecerem. Uma hipótese criada é a de que o desejo da criança é fazer com que os adultos e seus problemas sumam para que viva mais tranquilamente.</p>
<p>“Aqui é o gigante e aqui é o caldeirão, aqui é um clone do João, o resto é clones, este daqui que tá no saco dele é um clone, aquele que tá na cara dele, desse gigante, é o original, aqui é um clone, aqui é o caldeirão, aqui tem um clone batendo na cara dele e ele dizendo ‘ahh’ o gigante tá sendo espancado pelos clones e pelo original.” (sic)</p>	<p>O gigante está presente, não desapareceu aqui. Para combater este gigante, Victor precisou dividir-se em vários, são vários clones que atacam o adulto. Isso pode mostrar a dificuldade dessa criança em ter que enfrentar sozinho todos os problemas, e a solução que ela encontra é se transformar em vários. A queixa trazida pela avó pode estar relacionada nesse fato, pois sendo agitado e agressivo, ele pode chamar mais a atenção para si e se tornar maior para enfrentar os problemas que esses adultos causam.</p>
<i>continua</i>		

<i>Conclusão</i>		
Desenhos*	Comentários da criança	Observações da pesquisadora
<p>“Aqui eu desenhei a harpa mágica gritando socooooorro, aqui é a sombra do gigante, aqui é a mesa, aqui é o João. O gigante falou que ia pegar o João, mas não pegou.” (sic)</p>	<p>João pegou a harpa que pode fazer mágicas e a roubou para si, para ter mais recursos de enfrentar a realidade tão difícil. Assim, o gigante se enfraqueceu, ficou somente sua sombra, e João tem mais condições de combatê-lo. Aqui surge a hipótese transferencial de que a harpa representa a pesquisadora, que pode ajudar Victor a ter mais força para enfrentar os perigos.</p>

* As dimensões dos desenhos não são fiéis aos originais, realizados em folha A4.

4.3. TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA INFANTIL — CAT-A

O CAT-A foi aplicado nas crianças participantes anterior e posteriormente à participação na oficina terapêutica. Na tabela abaixo é possível visualizar os intervalos entre as aplicações dos três participantes.

Tabela 8 — Intervalo de tempo entre as duas aplicações do CAT-A.

Participante	Intervalo
Carolina	5 meses e 13 dias
Gustavo	4 meses e 20 dias
Victor	5 meses e 22 dias

Foram verificadas algumas diferenças significativas nas histórias narradas pelas crianças entre a primeira e a segunda aplicação. Serão apresentados os casos de Carolina, Gustavo e Victor para dar continuidade na ilustração dos casos e com o intuito de verificar a

importância dessa técnica para a melhor compreensão dos sintomas trazidos pelos pais na entrevista inicial.

4.3.1 Carolina

O caso de Carolina será ilustrado com a prancha 7, que apresenta um tigre com os dentes e garras à mostra, avançando sobre um macaco, que por sua vez também salta no ar. Segundo Bellak e Bellak (1949/1991), esta prancha aborda o medo da agressão e as maneiras de enfrentá-lo. O grau de ansiedade na criança torna-se em geral evidente e pode chegar a ser tão intenso a ponto de fazê-la rejeitar o quadro, ou então as defesas podem ser tão boas (ou suficientemente irreais) que o transformam numa história inofensiva. O macaco poderá até dominar o tigre, os rabos dos animais levam facilmente a projeções de temores ou de desejos de castração.

• Prancha 7 (1º CAT-A)

Idade: 6 anos e 8 meses.

Tempo total: 2 minutos e 40 segundos.

Tempo latência: 9 segundos.

Tabela 9 — Prancha 7 do 1º CAT-A Carolina.

História narrada	Inquérito
“Eita! Era uma vez uma onça. Sabe o que é mansinha? Mas, ela não era! Era afiada e muito furiosa e um dia, quando ela estava dormindo, um macaco pegou e entrou na florestinha que ela dormia no canto. A onça ficou muito mais assim... mansinha, mas ficou bastante furiosa que pegou e arranhou o rabinho do macaco e o macaco foi embora e nunca mais fez isso porque ele quase se machucou e morria se a onça comia ele, e pronto!”	<ul style="list-style-type: none"> • Por que o macaco entrou na florestinha? — Ele só tava passeando. • Como a onça se sentiu? — Ah! Eu achei assustador, mas legalzinho.

Interpretação

Chama atenção a distorção de gênero que a criança realiza nesta prancha, nomeando o tigre como “onça”. A criança apresenta uma grande dificuldade em caracterizar a “onça”: em alguns momentos diz que ela é “mansinha” e em outros diz que ela é “furiosa”. Essa instabilidade de humor pode caracterizar a insegurança da criança com relação aos sentimentos, neste caso, das figuras materna e paterna.

Ela coloca o macaco como sendo um invasor do espaço da “onça” (tigre) e com essa invasão, a “onça”, ao mesmo tempo em que fica “mansinha”, também fica “furiosa”. Pode-se pensar também, a partir dessa oscilação de humor da personagem, em uma possível confusão apresentada pela criança com relação a seu papel de filha, que ora “amansa” e ora “enfurece” sua mãe.

A prancha evoca a questão da agressividade e a criança apresenta dificuldades em lidar com ela. Em sua história, ela insere várias palavras no diminutivo, o que pode representar a repressão de sua agressividade. A forma de enfrentar seu medo não foi ativa, já que a criança não conseguiu combater a “onça furiosa” e acabou sendo arranhada.

Após o ataque “da onça”, a criança diz que “o macaco foi embora e nunca mais fez isso”. Esse relato pode nos mostrar o desejo da criança por um espaço não invadido, o que se torna difícil em sua realidade, já que tem um irmão gêmeo que divide o mesmo lugar.

• Prancha 7 (2º CAT-A)

Idade: 7 anos e 1 mês.

Tempo total: 1 minutos e 25 segundos.

Tempo latência: 4 segundos.

Tabela 10 — Prancha 7 do 2º CAT-A Carolina.

História narrada	Inquérito
<p>“Olha, o leão! Era uma vez um leão que ele andava bem devagarzinho assim, quando ele ia caçar, ele sujava no meio das matas e ele andava bem devagarzinho. Quando ele viu que o macaco tava subindo, ele se escondeu na árvore e ‘táá’, atacou o macaco, e o macaco saiu correndo na árvore. Aí, depois, ele tentou, tentou, tentou, tentou e não conseguiu. Aí o leão pegou e passou uma hiena... quer dizer, um carneiro, aí o carneiro tava lá comendo e o leão tava bem pertinho dele e atacou e comeu o carneiro. Aí passou um tempo e o leão já ficou grande, porque ele era um adolescente, e agora ele já ficou grande, e aí ele caçou, caçou, caçou e caçou tanto que falou assim: ‘Ixa, agora eu tô com a barriga pesada, eu acho que nunca mais vou caçar e fim!’”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • E o que aconteceu com o macaco? — O macaco ficou salvo! (sic.) • O que aconteceu quando o leão resolveu não caçar mais? — Ele em um dia só comia dois carneiros, dois carneiros por dia, sempre ele comia dois, dois, dois, dois até que ele comeu tanto e não aguentou e disse: ‘Ah, agora eu acho que eu nunca mais vou caçar mais’. Aí, depois de um tempo, ele começou a caçar só um carneiro por dia porque ele não tava mais aguentando comer dois por dia. (sic.) • Você acha que está faltando alguém ou alguma coisa aqui? — Tá faltando a girafa, e os animais que vivem aqui na floresta. (sic.)

Interpretação

Assim como no 1º CAT-A, a criança realiza aqui uma distorção da figura do tigre, nomeando-o como “leão”. Levando em consideração as pautas elaboradas por Hirsch (1981), pode-se relacionar essa distorção de identidades animais com uma imagem confusa da própria identidade da criança. Ainda é difícil para Carolina ter uma visão mais clara de quem ela é, e isso pode estar relacionado ao possível relacionamento simbiótico entre os familiares citado por sua mãe.

Ainda relacionado a esta imagem confusa sobre sua própria identidade, pode-se destacar alguns acréscimos que a criança realiza nessa prancha. São inseridos em sua história outros animais como a hiena, o carneiro e a girafa (presente no inquérito). Segundo Hirsch (1981), a frequência das distorções perceptuais, omissões e acréscimos é bastante significativa quando relacionada à imagem da própria identidade. Foram verificadas em outras pranchas algumas adições, como na prancha 5 do 1º CAT, em que foi adicionado a figura do pai, da mãe e pedreiros e na prancha 6 da primeira aplicação, em que foram adicionados dois personagens, o João e a Maria.

Essa história mostra também o possível desejo de independência quando a criança relata que “o macaco saiu correndo na árvore”, é um desejo de resolver suas problemáticas com seus próprios recursos, de desenvolver-se. Esse desejo de independência também aparece na aceleração do tempo, que transforma o “leão que era adolescente” em um leão “que já ficou grande”.

Aparece na história um adulto (leão) insaciável, que sente muita fome, come muito, mas não se satisfaz, até que ele se empanturra de tanta comida e decide não comer mais. Ou tudo, ou nada, é um dilema que a criança apresenta inserindo uma figura de adulto carente que se fortalece “falsamente” comendo muito.

Durante o inquérito, a criança diz que o leão “sempre comia dois carneiros por dia, sempre ele comia dois, dois, dois, dois até que ele comeu tanto e não aguentou mais...” (sic.). Essa ênfase que a criança dá ao número dois pode associar-se ao fato de ela não ter um lugar exclusivo e sempre ter que dividir com o irmão gêmeo, e aqui a criança dá um desfecho onde o “um” prevalece no final, o que já pode representar a conquista de um lugar.

O potencial de Carolina para enfrentar situações é mostrado nessa prancha quando o macaco consegue se livrar do predador utilizando seus próprios recursos. Após o sucesso do macaco, a fome do leão diminui, o que acaba se tornando mais um sucesso, pois, com menos fome, a probabilidade de o leão atacar o macaco torna-se menor. Com o desenrolar da história, pode-se perceber uma agressividade mais presente.

Possíveis benefícios alcançados

Durante o segundo CAT-A, a criança verbalizou mais e com a presença de mais detalhes, o que pode estar relacionado com o vínculo estabelecido com a psicóloga pesquisadora. A questão do desejo de crescer e se tornar independente apareceu durante todo o segundo CAT-A e, além do desejo, a criança apresentou recursos próprios para lidar com suas dificuldades, por exemplo, na prancha 7, no primeiro CAT-A, o “leão” conseguiu pegar um pedaço do rabo do macaco, já na segunda prancha, o macaco saiu ileso utilizando seus próprios recursos. Esse fator pode demonstrar uma possível preparação melhor da criança para lidar com os desafios que a vida impõe.

Outro fator interessante está relacionado à agressividade, que durante todo o primeiro CAT-A se manteve reprimida e no segundo pôde ser melhor percebida.

Os benefícios atingidos por meio da participação no grupo são também percebidos a partir de um relato verbal da própria criança durante a realização do segundo CAT-A, quando diz: “Você sabia, tia, que eu era supermedrosa? Que eu tinha medo de dormir no escuro, tinha medo de sonhar um pesadelo, tinha medo de tudo? E agora, tia, o Lucas mudou, ele é medroso e eu sou corajosa, agora eu sonho coisa feliz e ele coisa triste e agora, tia, eu nem vou pro quarto da minha mãe, eu nem sei por que, tia, eu antes dormia e saía correndo pro quarto da minha mãe”. Esse relato demonstra como a criança conseguiu elaborar algumas questões que antes a atormentavam.

4.3.2 Gustavo

O caso será ilustrado com a prancha 1, que apresenta pintinhos sentados ao redor de uma mesa, na qual há uma enorme tigela de comida. Fora, de um dos lados, está desenhada, de modo indistinto, uma galinha. As respostas a essa prancha, segundo Bellak e Bellak (1949/1991), dizem respeito à alimentação, se a criança foi ou não suficientemente alimentada por qualquer um dos pais. Surgem temas de rivalidade entre irmãos quando as respostas giram, entre outros, em torno de quem tem mais, quem é bem comportado. A alimentação pode ser encarada como recompensa ou, inversamente, sua recusa como punição; problemas gerais de oralidade estão ligados a: satisfação ou frustração, problemas de autossobrevivência.

• Prancha 1 (1ºCAT-A)

Idade: 6 anos e 10 meses

Tempo total: 6 minutos e 41 segundos.

Tempo latência: 3 minutos e 6 segundos.

Tabela 11 — Prancha 1 do 1º CAT-A Gustavo.

História narrada	Inquérito
<p>“Bonito esse galo! É galo ou galinha? (Perguntei o que achava que era) Acho que é galinha!... Hum, os pintinhos..., tem uma amiga minha que tem pintinhos... Você que fez isso daqui? Você imprimiu? Minha vó adora imprimir... Era uma vez uns pintinhos comendo uma sopa, a sopa deles era de... de... era uma sopa com molho. ‘Coloca um pouco de molho amigo!’ ‘É, vamos colocar um pouco de cenoura, e um pouco de batata, um pouco de cebola’ ‘Vamos colocar nos nossos pratos para dar para a galinha.’ A galinha estava tentando comer, mas ela não gostou dessa comida enjoada. Os pintinhos adoraram a sopa, a galinha não! Aí eles pegaram a sopa e jogaram na cara da galinha, e ela ficou brava e bateu neles e eles chamou a polícia. Mas, essa história não é verdadeira, é uma lenda”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Está faltando alguém ou alguma coisa nessa história? — Não! • Os pintinhos chamaram a polícia, e a polícia fez o quê? — Deixou ela na prisão e ela jogou um monte de ovo na cara deles, e tinha veneno e eles lamberam o ovo na cara dela e morreram.

Interpretação:

Gustavo demora mais de seis minutos para iniciar a história, tal fato pode representar a sua dificuldade em entrar em contato com a temática de relacionamento com o(a) cuidador(a). Tal dificuldade aparece também quando Gustavo diz que a “história não é verdadeira, é uma lenda”, parece ser muito difícil lidar com a realidade e a imaginação, é doloroso para ele ter que separar uma da outra, é menos doloroso inventar algo do que encarar como verdade.

Gustavo parece demonstrar dúvida quando questiona se o personagem “é galo ou galinha”, o que mostra que, mesmo tendo a percepção adequada, ele apresenta confusão entre os papéis materno e paterno, pode existir dúvida sobre quem realmente exerce essa função.

Ocorre também uma inversão de papéis quando são os pintinhos que preparam a comida e alimentam a galinha, o que mostra o quanto a falta dos cuidados dessa mãe pode estar presente, aparece como uma mãe incompetente.

Apesar de os pintinhos colocarem os ingredientes necessários na sopa, a mãe não gosta do que é preparado para ela, os pintinhos não são capazes de preparar algo que a mãe goste e,

com raiva, jogam a comida nela. A agressividade dos pintinhos pode demonstrar a insatisfação da criança com o fato de a mãe não gostar do que é produzido por ele.

Diante a violência da galinha-mãe, os filhotes vão em busca da polícia, alguém de fora que possa protegê-los. Há um pedido de ajuda externa, que pode demonstrar a incapacidade de outros membros da família (pai e/ou irmãos) em protegê-los. Aqui surge a hipótese de que a pesquisadora pode ser “a polícia” que talvez ajude os “pintinhos-criança”.

Durante o inquérito, a criança conta que os pintinhos morreram pelo veneno jogado pela mãe, os filhotes não conseguiram se defender e morreram, não conseguiram apresentar recursos para se defenderem, o que pode representar a fragilidade dessa criança e sua grande dificuldade em lidar com a situação que lhe foi imposta.

• **Prancha 1 (2º CAT-A)**

Idade: 7 anos e 4 meses

Tempo total: 2 minutos e 25 segundos.

Tempo latência: 5 segundos.

Tabela 12 — Prancha 1 do 2º CAT-A Gustavo.

História narrada	Inquérito
<p>“Hum... deixa eu ver... Os... os patinhos tavam comendo, aí, de repente, apareceu um monstro, e tava num, num, num dia de Natal. Aí eles tavam comendo, e de repente apareceu o pai dele, aí o pai dele apareceu invisível, aí eles perguntou para o monstro: ‘cadê o pai?’, aí ele disse: ‘não sei’, aí o veio que tava sentado embaixo da escada saiu e viu que não tinha nada, só neve, um bando de neve, aí, de repente, veio uma bola de neve e caiu na cara dos filhos, de repente caiu, aí veio aquele monstrão, aí eles desceram na escada e apareceu um... um monstro e, de repente, foi atrás deles, aí os monstros... aí o monstro pegou ele, garrou, ele tava tomando banho, aí ele falou assim: ‘que coisa nojenta!’, aí quando ele abriu a porta do chuveiro, aí o monstro pegou ele, mas ele conseguiu se livrar, aí os outros amiguinhos saíram correndo e ele ficou sozinho. Aí, de repente, os amiguinhos deles ficaram com ele, aí, de repente, eles voltaram lá para a mesa e voltaram a comer, aí como eles mataram os monstros foi uma coisa, botaram fogo e ele ficou todo queimado e morreu! Aí eles voltaram para a mesa, comeram e ficaram felizes para sempre.”</p>	<p>• Onde está o monstro? — O monstro? Aqui! (aponta para a sombra da galinha). Ele tá aqui, foi a única coisa, foi o pai deles. O monstro é o pai deles. O pai deles saiu lá fora e virou um monstro. E esses dois (aponta para os dois pintinhos da esquerda) viraram monstros também, aí depois que acabou a neve, eles voltaram ao normal.</p> <p>• E o pai? — O pai não voltou ao normal, ele morreu, o pai morreu, e aí eles gostaram porque o pai morreu aí eles foram procurar uma mãe pra ser deles.</p> <p>• E eles encontraram a mãe para eles? — Eles foram procurar uma mãe e um pai, eles não queriam um pai, mas foram procurar. Eles não encontraram!</p> <p>• E o que aconteceu? — Aconteceu que eles ficaram sozinhos, aí ficaram felizes para sempre. Sentaram na mesa e voltaram a comer de novo, eles comem muito.</p>

Interpretação:

A figura do pai aparece invisível em um primeiro momento da história, o que vai ao encontro da realidade da criança, cujo pai parece ser bastante tímido e não demonstrar reação diante dos atos da mãe. Posteriormente, a criança afirma que o pai é o monstro da história e se refere à figura da galinha, isso mostra mais uma vez o quanto as funções paterna e materna estão fundidas. Enquanto o pai é invisível (ausente), a mãe é “um monstro”. Porém, a criança demonstra bastante agressividade quando mata o monstro, e com essa agressividade ela apresentou seus recursos para transformar a difícil realidade e “ser feliz para sempre”.

Durante o inquérito, a criança afirma que os pintinhos foram procurar uma mãe e um pai, apresenta insatisfação com os pais reais e vão atrás de outros e mesmo não encontrando conseguem a felicidade, o que mostra mais uma vez a capacidade de transformar a realidade com seus recursos próprios.

É bastante forte o modo como a criança reproduz a seguinte fala do monstro: “que coisa nojenta”, referindo-se ao filhote tomando banho. Parece que Gustavo tem a sensação de despertar sensação de nojo e repulsa nos pais.

Possíveis benefícios alcançados no caso

Pôde-se perceber que “os patinhos”, durante a narração da segunda história, conseguiram defender-se das ameaças externas com seus próprios recursos. Assim, pode-se supor que a criança desenvolveu alguns recursos internos, entre uma aplicação e outra, para enfrentar as suas dificuldades, o que possibilitou um “final feliz” em sua história.

A agressividade mostrou-se presente de forma mais intensa durante a narração da história no segundo CAT-A. Esse fato se torna ainda mais relevante quando, durante a segunda entrevista com os pais, é relatado o surgimento de agressividade direcionada à mãe, que, antes da participação na oficina, não existia na criança. Apesar da melhora observada pelos pais, o fato de a criança sentir-se *órfã* pareceu indicar a importância de seguimento em psicoterapia, assim como de atendimento aos pais, tal como sugerido na entrevista devolutiva.

4.3.3 Victor

O caso será ilustrado com a prancha 2, que mostra um urso puxando uma extremidade da corda, enquanto outro urso e um ursinho fazem força na extremidade oposta. Segundo Bellak e Bellak (1949/1991), é interessante observar se o ursinho identifica, nesse caso, a figura com a qual ele coopera (se é que coopera) com o pai ou a mãe. O quadro pode ser visto

como uma luta séria, acompanhada de medo de agressão, gratificação das próprias agressões ou independência. De forma mais benigna, pode ser visto como um jogo (cabo de guerra, por exemplo). Às vezes, a própria corda pode ser fonte de interesse, como o rompimento da mesma, como um brinquedo, e medo do castigo subsequente; ou, então, pode-se tornar um símbolo ligado à masturbação, a ruptura da corda representando os temores de castração.

• Prancha 2 (1º CAT-A)

Idade: 7 anos e 1 mês.

Tempo total: 59 segundos

Tempo latência: 35 segundos

Tabela 13 — Prancha 2 do 1º CAT-A Victor.

História narrada	Inquérito
“Era uma vez um ursinho, um ursão e um ursão. Aí o ursão começou a puxar e o ursão e o ursinho puxaram também e aí o ursão tava ganhando e o ursinho ficou com raiva e puxou com toda a força e o ursão caiu.”	<ul style="list-style-type: none"> • E o que aconteceu depois? — Ele caiu e os outros venceram. • E o ursão e o ursinho que venceram são o que um do outro? — São amigos. • E você acha que está faltando alguma coisa ou alguém no desenho e na história? — Não tá não.

Interpretação

Victor parece identificar-se com o ursinho “que ficou com raiva”, porém, houve uma confusão de papéis, já que a criança não identifica o gênero de nenhum dos “ursões”. Essa omissão de gêneros parece remeter ao fato de a criança não conseguir estabelecer os reais papéis de cada um de seus pais, como se os dois fossem um só.

A solução trazida pela criança de resolver a problemática de o “ursão” estar ganhando foi a raiva que o “ursinho” sentiu e que lhe propiciou um estímulo para puxar com toda a força e o outro “ursão”, enfim, cair.

Parte do “ursinho” a iniciativa de resolução da problemática, e esta solução foi realizada a partir de sua agressividade, que foi representada através da raiva.

• Prancha 2 (1º CAT-A)

Tempo total: 1 minuto e seis segundos

Tempo latência: 8 segundos

Idade: 7 anos e 7 meses

Tabela 14 — Prancha 2 do 2º CAT-A Victor.

História narrada	Inquérito
<p>“Era uma vez... dois ursos que um que se odiava. Um se chamava Cherekan e outro Balu, e veio o Baluzinho ajudar no cabo de guerra. Aí o Cherekan puxou com todas as forças, mas aí o Balu e o Baluzinho puxaram, puxaram, puxaram que até ficou preocupado o Cherekan. Aí o Cherekan voou pra cima deles e caiu um em cima do outro e o Balu e o Baluzinho ganhou, pronto acabou.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que o Balu, o Baluzinho e o Cherekan eram um do outro? — Hum... nada... eles só se odiavam. O Balu e o Cherekan se odiavam, o Baluzinho até que gostava, mas aí, já que o pai odiava o Cherekan, o Baluzinho passou a odiar também. • Por que o Balu odiava o Cherekan? — Porque o Cherekan tava pensando em matar o filhotinho dele. • Mesmo o Cherekan querendo matar o filho de Balu, o filhote ainda gostava dele? Por quê? — Porque ele é só um bebê. • Por que o Cherekan queria matar o filho do Balu? — Porque aí o Balu não ia ter filho e não ia ter ninguém pra ficar falando pro Cherekan: ‘vamos brincar, vamos brincar’. Por isso! • O que Cherekan acha de brincar? — Ele não gosta de brincar! • Alguém se machucou nessa brincadeira? — Não... só o Cherekan, ele caiu de cara no chão, mas só ficou arranhado. • Você acha que está faltando alguém ou alguma coisa nesse desenho? — Sim, só a mãe! • A mãe de quem? — Do Baluzinho! Esse daqui é o pai (aponta para o urso maior que está com o menor) e tá faltando a mãe. • Onde a mãe está? — Fazendo compra.

Interpretação

Interessante observar as nomenclaturas que Victor dá aos personagens da história. “Balu e Baluzinho”, um diminutivo do outro, o que mostra uma possível ligação forte que a criança tem com a figura paterna, como se ele fosse o pai pequeno. Por outro lado, tem “Cherekan”, que lembra um nome de língua estrangeira e pode representar a mãe que foi morar no exterior, distante de Victor.

O ódio presente entre Balu e Cherekan é bastante marcante, assim como o relacionamento entre os pais da criança, que é um relacionamento marcado por brigas. Pode-

se verificar o quanto é difícil para a criança o seu relacionamento com a figura materna, ao mesmo tempo em que não tem ódio dessa mãe, mas parece precisar ter, já que seu pai apresenta esse sentimento.

A figura paterna aparece de forma mais protetora, já que estão juntos na guerra, e a figura da mãe aparece de forma mais destrutiva, uma vez que ela quer matar o filho de Balu.

O desejo de regressão parece estar presente quando Victor afirma no inquérito que Baluzinho é só um bebê, e sendo somente um bebê ele precisa de proteção da mãe. Essa mãe, ao mesmo tempo que pode ser representada pelo personagem Cherekan, está ausente da história; segundo Victor, ela foi fazer compras. Enquanto se desenrolava uma guerra entre a família, a mãe simplesmente sai para fazer compras, pode-se comparar a isso o fato de a mãe da criança ter ido embora para outro país.

Possíveis benefícios alcançados no caso

Percebe-se que em ambas as histórias existe uma guerra onde as duas forças maiores puxam a corda e a figura do urso menor auxilia algum com sua força. Porém, durante a segunda história, fica mais claro que o ursinho não é o provedor da raiva, e sim um urso maior, o Balu. A partir desta raiva de Balu foi que Baluzinho também nutriu esse sentimento por Cherekan, o que pode mostrar que a criança parece ter separado os seus sentimentos dos sentimentos do próprio pai em relação à sua mãe.

Na segunda prancha, aparece um possível desejo de regressão da criança e, neste sentido, pode-se supor um desejo em obter os cuidados maternos, o que não podia ser revelado durante a primeira prancha, já que a raiva que o pai sente da mãe estava provavelmente prolongada nos sentimentos de Victor.

4.4 ENTREVISTA DEVOLUTIVA COM OS PAIS

Durante a última entrevista com os pais das crianças, puderam ser evidenciadas suas conclusões finais a respeito do trabalho, e se suas expectativas foram ou não atendidas. Na tabela 15 é possível verificar o verbalizado pelos pais de Carolina, Gustavo e Victor após suas participações na oficina e as observações realizadas pela pesquisadora. Os questionários pré e pós-participação das crianças na oficina, respondidos pelos pais, estão anexados. (Anexos C e G, respectivamente)

Tabela 15 — Relatos dos pais e observações da pesquisadora.

Crianças	Relatos dos pais	Observações da pesquisadora
Carolina	<p>Pai: “A gente veio aqui por causa dos choros dela pra ir pra escola e por causa do medo de ficar sozinha e agora Dra. nada disso vê mais, até comer ela ta comendo sem a mãe ter que colocar na boca”. (sic.)</p> <p>Mãe: “Sabe, a gente viu as mudanças na Carolina em relação a ir para a escola e no seu medo e por enquanto não vamos mais querer atendimento para ela porque vimos que está tudo bem”. (sic.)</p>	<p>Os relatos dos pais demonstram sua satisfação com o trabalho realizado. Segundo eles, a criança não apresenta mais as queixas trazidas no início do trabalho, o que pode evidenciar uma melhora na qualidade de vida de Carolina.</p> <p>Mesmo os próprios pais decidindo pelo não atendimento individual para Carolina, a psicóloga pesquisadora salientou a importância da continuidade do atendimento, mas os pais afirmaram que quando precisassem voltariam.</p>
Gustavo	<p>Pai: “Esse atendimento ajudou muito o Gustavo, ele tá mais falante e melhorou o problema de intestino”.</p> <p>Mãe: “Ele tá fazendo coco sem a gente mandar, mas ele agora tá muito mal educado comigo, tenho que dar uns tapas”.</p>	<p>A melhora na queixa inicial foi percebida pelos pais, mas foi relatado a formação de um novo sintoma (agressividade), este pode ser percebido como uma forma de defesa de Gustavo aos ataques da mãe.</p> <p>Foi sugerida pela psicóloga pesquisadora a continuidade dos atendimentos para a criança e uma terapia de casal para os pais. Estes concordaram com as sugestões.</p>
Victor	<p>Avó: “Ah, doutora, na verdade ele gostou muito, e chorou quando acabou os encontros, ele gosta muito de você [...], quando ele vinha pro grupo, voltava mais calmo pra casa e ficava ansioso para o próximo. Ele estava melhorando, tava mais tranquilo, mais carinhoso, até parou de brigar tanto com a mãe dele. Mas agora ela está voltando e eu não sei como vai ser porque ele voltou a ficar mais triste”. (sic).</p>	<p>A oportunidade de participar da oficina ofereceu a Victor um espaço onde se sentia à vontade para se abrir e trabalhar suas angústias.</p> <p>Após o término dos encontros, a mãe de Victor voltou ao Brasil e ele pareceu ter entrado em conflito com seus sentimentos. Como foi difícil para a criança aceitar o término do trabalho, foram realizados mais dois encontros individuais para oferecer mais um suporte.</p> <p>A criança iniciou terapia individual na clínica-escola logo após o término dos encontros.</p>

4.5 DADOS RESUMIDOS DOS OUTROS DOIS PARTICIPANTES: LEONARDO E VIVIANE.

Dados resumidos das outras duas crianças que participaram da oficina terapêutica serão expostos com o intuito de oferecer ao leitor um panorama mais geral dos resultados. Foram inseridos aspectos importantes obtidos na entrevista inicial com os pais das crianças, informações sobre as queixas e o desfecho de cada caso.

Tabela 16 — Dados de Leonardo.

ENTREVISTA INICIAL	Idade	6 anos e 8 meses
	Duração da entrevista	1 hora e 40 minutos
	Quem participou da entrevista	Avó materna
	Quem mora com a criança	Avó materna, mãe, irmã de 2 anos, tia e prima de 11 anos.
	Expectativas com relação ao atendimento	Avó: “Espero que ajude no comportamento dele, que ele fique calmo e menos agressivo”.
QUEIXA	Queixa inicial (relato dos pais)	Queixa: agressividade. Relato: “Gustavo briga muito com os colegas de escola e de vez em quando bate neles”. (sic).
	Início dos sintomas	Há um ano, quando saiu da creche.
	Ampliação da queixa (pesquisadora)	A mãe de Gustavo engravidou aos 14 anos e sua avó materna possui a guarda legal e mantém os cuidados da criança. A avó afirma que desde que decidiu por não forçar a filha a fazer aborto, encarregou-se de todos os cuidados da criança. Com isso, afirma a avó, a mãe de Leonardo ficou sem autonomia em relação ao filho e eles acabaram se distanciando, mesmo morando na mesma casa. Em alguns momentos da entrevista, a avó afirmou que Leonardo já verbalizou não gostar de sua mãe por ela nunca ter cuidado dele. A partir de tal relato, pode-se pensar que a criança nutre sentimentos negativos em relação à mãe e, talvez, essa vivência pode ser repetida em outros contextos, por exemplo, no escolar. Durante contato com Leonardo, quando afirma agredir os colegas por acreditar que estes não gostam dele, pode-se pensar em uma possível repetição da vivência com a mãe, pois ele verbaliza que esta não gosta dele.
		<i>continua</i>

		<i>conclusão</i>
DESFECHO	Relato da avó	“O Leonardo tá mais tranquilo, assim, na verdade, ele ainda é agitado, parece que não consegue ficar parado por muito tempo, é difícil ele se concentrar em alguma coisa, mas, pelo menos agora ele não está batendo nos colegas, pelo menos não recebi nenhuma queixa na escola [...], aqui em casa ele tá mais calmo no sentido de brigar e xingar a gente, acho que essa terapia fez bem pra ele.” (sic.)
	Observações da pesquisadora	Foram percebidas pela avó mudanças no comportamento da criança. A diminuição da agressividade pode estar relacionada ao fato de ela ter tido oportunidade de canalizá-la nas atividades realizadas durante os encontros. Embora se tenha percebido esta diminuição da queixa, a agitação e falta de concentração continuaram. Foi indicado à avó que Leonardo passasse pela psicoterapia da clínica.

Tabela 17 — Dados de Viviane.

ENTREVISTA INICIAL	Idade	6 anos e 9 meses
	Duração da Entrevista	2 horas e 10 minutos
	Quem participou da entrevista	Mãe
	Quem mora com a criança	Pais e irmão de 3 anos.
	Expectativas com relação ao atendimento	Mãe: “Quero que você ajude ela a não ser tão mal educada comigo”.
QUEIXA	Queixa inicial (relato dos pais)	Queixa: agressividade e timidez. Relato: “Viviane é muito agressiva comigo, fala coisas pesadas e às vezes tenta me bater. [...] Ela é muito tímida, não tem muito amigos na escola e nem gosta de ficar com nenhum familiar”. (sic)
	Início dos sintomas	Sempre foi tímida. Agressividade: há dois anos, após a morte de sua tia materna.
<i>continua</i>		

<i>conclusão</i>	
QUEIXA	<p>Quando Viviane tinha 2 anos, nasceu seu irmão e ela passou algumas semanas aos cuidados de sua tia. O vínculo das duas cresceu e intensificou-se “Viviane sempre preferiu minha irmã, que era bastante fechada, acho que ela gostava mais da tia do que de mim, [...] vai ver por isso que ela é assim toda caladona igual minha irmã era”. (sic)</p> <p>Quando Viviane estava com 4 anos de idade, esta tia faleceu, tendo Viviane acompanhado toda a doença e respectivo tratamento. Quanto a isso, sua mãe afirma: “No final da vida da minha irmã, eu não deixava a Viviane ficar com ela porque ela estava muito feia e sofrendo de dor, aí ela começou a falar que eu estava impedindo ela de ver a tia e que eu queria afastar as duas. [...] Sinto que ela tem um pouco de raiva por isso, até falou que foi culpa minha dela ter morrido”.</p> <p>Após o falecimento de sua tia, Viviane começou a apresentar comportamentos agressivos dirigidos à mãe. Devido às constantes verbalizações de Viviane, de que sua mãe havia contribuído para a morte de sua tia e aliando a isto a posterior análise do CAT-A, pode-se supor que esta pode ter interpretado como sendo de responsabilidade de sua mãe a morte da tia, já que acreditava que a mãe queria separá-las.</p>
	<p>Ampliação da queixa (entrevistadora)</p>
DESFECHO	<p>Relato dos pais</p> <p>Mãe: “A Viviane está melhor na escola, arrumou uma amiga agora que brinca muito com ela [...]. Comigo ela ainda tá ruim, me responde e não obedece muito, tenho a sensação de que ela não gosta de mim, estranho isso, né? Mas eu nem sei o que faço com essa menina porque tudo que ela quer eu dou, acho que ela precisa mesmo continuar com esse tratamento de psicóloga”. (sic).</p>
	<p>Observações da pesquisadora</p> <p>As observações sugerem que Viviane parece ser uma criança bem introvertida, demora a se vincular com as outras crianças e ficava mais quieta durante as atividades.</p> <p>Além de indicar a terapia individual na clínica, foi aconselhado à mãe de Viviane que também procurasse um atendimento psicológico para ajudá-la a entender melhor o que se passa com sua filha.</p>

5 DISCUSSÃO

Um dos objetivos principais do presente estudo foi verificar o impacto da realização da oficina terapêutica no fluxo de atendimento e na vivência dos participantes no contexto da clínica-escola. Considerando que a oficina atende um maior número de pacientes em menor tempo, pode-se dizer que houve contribuição dessa atividade em relação ao fluxo da fila de espera, já que possibilitou um acolhimento grupal das crianças enquanto aguardavam o atendimento individual.

Guerrelhas e Silhares (2000) destacam que a longa espera entre a triagem e o atendimento psicológico parece contribuir, em alguns casos, para a desistência dos pacientes. Então, destaca-se a importância de alternativas que minimizem essa problemática. O presente trabalho insere-se nessa tentativa de contribuir para a não desistência, conforme observam as autoras acima mencionadas. Tendo em vista os resultados apresentados, verifica-se, em um primeiro momento, que a oficina empreendida parece ter alcançado esse objetivo, na medida em que não apenas uma, mas um grupo de cinco crianças que se encontravam em espera foi atendido na clínica-escola. Nesse grupo, a maioria das crianças (4) foi encaminhada para continuidade do atendimento após o término das oficinas, o que permite supor sua contribuição no sentido de evitar desistências. Como resultado da participação nas oficinas terapêuticas, os pais de uma das participantes consideraram que a filha não necessitava dar continuidade ao atendimento na clínica, em outras palavras, relataram que as queixas que apresentaram inicialmente haviam desaparecido. Ou seja, muito embora o objetivo das oficinas não tivesse sido específico, no sentido de trabalhar com as queixas apresentadas, acabou de alguma forma atuando sobre as mesmas. É importante salientar, no entanto, que a pesquisadora/psicóloga não necessariamente concordava que os motivos latentes da busca por atendimento, nesse caso específico, tivessem todos sido elaborados. A decisão dos pais foi respeitada, tendo a clínica se colocado aberta para, caso julgassem necessário, oferecer seus serviços em outro momento.

Desse modo, intervenções como a apresentada nesse trabalho, assim como as demais atividades realizadas com grupos de pacientes que aguardam atendimento, mostram ser práticas que poderiam ser adotadas pelas instituições com maior frequência. Para a instituição, ela se mostra útil não apenas em possibilitar a formação do vínculo entre paciente e instituição, mas também como uma maneira de auxiliar na avaliação e, nesse sentido, pode se assemelhar à triagem estendida e, até mesmo, confere-se certo caráter interventivo (Herzberg & Chammas, 2009). Alguns estudos (Dimenstein, 2001; Oliveira et al., 2004) vêm apontando

o pouco preparo que os alunos encontram nos cursos de graduação em Psicologia para o trabalho na atenção básica. A elevada demanda presente nos serviços indica a urgência de atendimentos em outros moldes que não somente o clínico individual. Dessa forma, a incorporação de propostas tais como a do presente trabalho em clínicas-escola de psicologia traduz-se em oportunidade de os alunos conhecerem e capacitarem-se em modelos diversos de atendimento e estarem, assim, mais aptos a desenvolverem trabalhos mais consistentes em instituições e unidades básicas de saúde. Assim, observa-se que há benefícios tanto para a instituição quanto para os alunos que nela se formam e, principalmente, para a comunidade, que tem ampliada a possibilidade de acolhimento e cuidado.

Além do aspecto prático de aumentar o fluxo de atendimento na clínica-escola, a oficina terapêutica pode proporcionar outros benefícios: a interação em grupo, o estímulo à imaginação por meio das histórias e desenhos que facilitam a comunicação entre os participantes e o terapeuta, bem como a expressão de aspectos do mundo interno das crianças (Bleger, 1980/2007; Bettelheim, 1980; Corso e Corso, 2006; Gutfreind, 2003; Ribeiro, 2004; Safra, 2005). A contribuição da pesquisa de Barone (2004) no sentido de introduzir etapas no relato dos contos de fadas mostrou-se adequada para distribuir e organizar a atenção da criança e favorecer a compreensão da história como um todo. Tal estratégia permite evitar a dispersão da atenção infantil durante o relato do conto. A expressão por meio do desenho mostrou-se produtiva, pois facilitou o vínculo das crianças com a psicóloga (Costa, 2004; Fernandes, 2006; Retondo, 2000), pois esta utilizava-se dessa produção para articular a comunicação com o grupo, tornando-se mais pontual na atividade de assinalar sua percepção das mensagens contidas nos desenhos das crianças.

Vale ressaltar que os contos de fadas utilizados nas sessões remetia-se a uma fase do desenvolvimento psíquico infantil, conforme Corso e Corso (2006), e foram verificadas as dificuldades vivenciadas pelas crianças nessas fases e sua relação com a queixa. Portanto, percebe-se que a narração de contos no trabalho com crianças favorece a compreensão do vivido por elas, ao mesmo tempo em que se mostra como recurso interventivo — ao permitir a identificação das crianças com os personagens e favorecer a expressão do experienciado e o encontro de novos recursos de enfrentamento. Além disso, considerando-se que a proposta de oficinas terapêuticas evidencia-se como possibilidade de intervenção breve, o uso de recursos facilitadores mostra-se de grande valia.

A avaliação proposta pelo CAT-A, de Bellak e Bellak (1949/1991), como uma técnica projetiva construída com animais (Anzieu, 1986; Formiga e Mello, 2000) favorece a expressão natural das crianças, o que pode ser constatado pela produção dos participantes, que

favoreceu o esclarecimento da queixa a partir de alguns conteúdos latentes, pois houve diferenças significativas entre a primeira e a segunda aplicação.

O CAT-A inserido no processo de realização da oficina, pareceu potencializar o vínculo formado entre as crianças e a pesquisadora, considerando-se não só o contato individual além do grupal, mas também o simbolismo privilegiado dos estímulos. As pranchas trazendo imagens que remetem a conflitos internos permitiram que as crianças, de uma forma lúdica, pudessem projetar suas dificuldades, angústias e desejos, possibilitando o trabalho mais direcionado aos conteúdos internos dos participantes. A identificação com os personagens que eram projetados nos desenhos serviram, por sua vez, como material de trabalho para discussão nos encontros. Interessante perceber que cada criança projetou nos desenhos seus conflitos relacionados às queixas trazidas pelos pais e/ou responsáveis nas entrevistas, tornando possível uma interação mais assertiva da pesquisadora, ao relacionar a queixa com os conteúdos projetados, bem como refletir sobre a dinâmica afetiva, tendo em vista uma compreensão mais global do funcionamento psíquico da criança.

Embora o teste ainda tenha parecer desfavorável pelo Conselho Federal de Psicologia, foi de grande utilidade nesta pesquisa, dentro do contexto clínico, de modo que se julga importante e necessário o desenvolvimento de novas pesquisas para, se possível, alterar o referido parecer desfavorável. Schelini e Benczik (2010), ao realizarem levantamento bibliográfico sobre o CAT, constataram que no Brasil, e em outros países tais como Estados Unidos e Itália, essa técnica é bastante utilizada e valorizada no contexto clínico. No entanto, ainda não se dispõe de qualquer pesquisa que tenha tido a preocupação de considerar simultaneamente três aspectos: um sistema específico de interpretação, associado a evidências de precisão e validade em um dado grupo populacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CAT-A contribuiu para melhor explicitação das queixas iniciais trazidas pelos pais, ampliando a compreensão do funcionamento psíquico das crianças. Esse instrumento projetivo proporcionou o aparecimento de diferenças qualitativas entre a segunda e a primeira aplicação, não só no que diz respeito à verbalização dos conflitos, como também nas soluções e defesas encontradas para superá-los.

A utilização de contos de fadas e a confecção de desenhos sobre os mesmos foram bem aceitas pelas crianças, favorecendo maior expressão de suas vivências.

Pode-se verificar que a realização da oficina terapêutica de contos de fadas produziu razoável impacto no fluxo de atendimento na clínica-escola em termos quantitativos, permitindo a acolhida de cinco em vez de apenas uma criança em um curto espaço de tempo. Cabe refletir sobre sua viabilidade e pertinência tanto no contexto de serviços-escola quanto na vivência dos participantes. Os resultados obtidos parecem promissores, embora seja necessário um aprofundamento por meio da realização de maior número de oficinas terapêuticas e uma análise de médio e longo prazos sobre a contribuição das mesmas.

REFERÊNCIAS

- Abt, L. E. (1984). Una teoria de La psicologia proyectiva. In L. E. Abt & L. Bellak, *Psicología Proyectiva: enfoque clínico de la personalidad total* (pp. 37-59). Buenos Aires: Paidós.
- Afonso, L., & Coutinho, A.R.A. (2003). Metodologias de trabalho com grupos e sua utilização na área da saúde. In L. Afonso (Org.), *Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde*. Belo Horizonte: Edições do campo.
- Andersen, H. C. (2005). *Contos de Andersen*. São Paulo: Paulus.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Campus.
- Anzieu, D. (1993). *O grupo e o inconsciente – o imago grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ávila, L. A. (2009). O Eu é plural: Grupos: a perspectiva psicanalítica. *Vínculo*, 6(1), 39-52.
- Barone, L. M. C. (2004). Narrativa e cura: a função terapêutica da palavra. In F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 277-285). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Bellak, L. & Bellak, S. S. (1949/1991). *Manual do teste de apercepção infantil figuras de animais*. Campinas, SP: Editora de livro pleno – ME.
- Bento, M. (2006). Grupos terapêuticos em instituição de saúde: a relação entre a intersubjetividade e o intrapsíquico na Psicanálise. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bettelheim, B. (1980). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Bleger, J. (2007). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bechelli, L. P. C. & Santos, M. A. (2001) Psicoterapia de grupo e considerações sobre o paciente como agente da própria mudança. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. 10(3) 383-391.
- Bion, W. R. (1970). *Experiências com Grupos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Carvalho, J. P. E. & Térzis, A. (2009). Experiências com um grupo de crianças através da música: um estudo psicanalítico. *Vínculo*, 6(1), 1-12.
- Corso, D. L. & Corso, M. (2006). *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, T. (2004). *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dimenstein, M. (2001). O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 6(2), 57-63.

- Fensterseifer, L. & Werlang, B.S.G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In A. Villemor-Amaral; A. E. Werlang; B. Guevara. (Orgs), *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica* (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fernandes, B. S. (2006). O desenho como recurso auxiliar em psicoterapia de grupo com crianças. *Vínculo*, 3(3), 46-55.
- Fernandes, R. S. (2007). Imaginário e deslocamentos nas representações de brincadeiras. *Psico-USP*, 12(13), 323-357.
- Fine, R. (1981). *A História da Psicanálise*. Rio de Janeiro: LTF/Edusp.
- Freud, S. (1919/1980). Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica. In S. Freud, *Edição Standart das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Formiga, N., & Mello, I. (2000). Testes Psicológicos e Técnicas projetivas: uma integração para um Desenvolvimento da Interação Interpretativa Indivíduo-Psicólogo. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 20(2), 12-19.
- Grassano, E. (1996). *Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Grimm, J. & Grimm, W. (2008). *Contos escolhidos*. Rio de Janeiro: Globo.
- Guerrelhas, F. F. & Silves, E. F. M. (2000) Grupos de espera recreativos: proposta para diminuir o índice de evasão em clínica-escola de psicologia. *Temas em Psicologia*, 8(3) 313-321.
- Gutfreind, C. (2003). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herzberg, E. & Chammas D. (2009) Triagem estendida: serviço oferecido por uma clínica-escola de Psicologia. *Paidéia*, 19(42) 107-114.
- Hirsch, S. B. (1981). Guia de interpretação do teste de apercepção infantil (CAT-A) de L. Bellak. In *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas* (pp 149-166). São Paulo: Martins Fontes.
- Krutzen, E. C. (2006). Do risco à escrita: oficinas de histórias com crianças e adolescentes em situação de rua. *Pulsional revista de psicanálise*, 19(187), 19-29.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2004). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Löhr, S. S. & Silves, E. F. M. (2006). Clínica-escola: Integração da formação acadêmica com as necessidades da comunidade. In E. F. M. Silves (Org.), *Atendimento Psicológico em Clínicas-Escola* (pp. 11-22). Campinas: Alínea.
- Montagna, M. E. (1989). *Análise e interpretação do CAT: Teste de Apercepção Infantil*. São Paulo: EPU.

Motta, L. F. & Santos, M. A. (2002). Grupoterapia breve em múltiplos casais em Hospital Dia. *Paidéia*, 12(22) 69-81.

Ocampo, M. L. S., & Arzeno, M. E. G. (1981). A entrevista inicial. In M. L. S. Ocampo, M. E. G. Arzeno, E. G. Piccolo, et al, *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas* (pp. 23-43). São Paulo: Martins Fontes.

Oliveira, I. F. de., Dantas, C. M. B., Costa, A. L. F., Silva, F. L., Alverga, A. R. D. de., Carvalho, D. B. de, & Yamamoto, O. H. (2004). O psicólogo nas unidades básicas de saúde: formação acadêmica e prática profissional. *Interações*, 9(17) 71-89.

Peluso, E. T. P.; Baruzzi, M. & Blay, S. L. (2001) A experiência de usuários do serviço público em psicoterapia de grupo: estudo qualitativo. *Revista de Saúde Pública*, 35(4) 341-348.

Pichon-Rivière, E. (1988). O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes.

Rauter, C. (2000). Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético política para oficinas terapêuticas. In P. Amarante (Org.), *Ensaio: Subjetividade, saúde mental, sociedade* (pp. 267-277). Rio de Janeiro: Fiocruz.

Retondo, M. F. N. G. (2000). *Manual Prático de Avaliação do HTP (Casa-Árvore-Pessoa) e família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ribeiro, R. C. F. (2004). Oficinas e redes sociais na reabilitação psicossocial. In C. M. Costa & A. C. Figueiredo (Orgs.), *Oficinas terapêuticas em saúde mental: Sujeito, produção e cidadania* (pp. 105-116). Rio de Janeiro: Contracapa.

Safra, G. (2005). *Curando com histórias*. São Paulo: Sobornost.

Schelini, P. W. & Benczik, E. P. (2010) Teste de Apercepção infantil: o que foi e o que precisa ser feito. *Boletim de Psicologia*, LX, 132, 85-96.

Silvaes, E. F. M. (1991). *Caracterização comportamental e sócio-econômica da clientela infantil de uma clínica-escola de psicologia de São Paulo*. I Congresso Interno do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Teixeira, L. C. (2007). Intervenção psicanalítica em grupo em uma clínica-escola: considerações teórico-clínicas. *Estilos da clínica*, 12(22), 196-207.

Turato, E. R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: vozes.

Villemor-Amaral, A. E. & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USP*, 11(2), 185-193.

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Zimmerman, D. E. (2000). *Fundamentos Básicos das Grupoterapias*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO RESPONSÁVEL LEGAL PELO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Nome _____
 Documento de Identidade nº _____ Sexo M ☐ F ☐
 Data de Nascimento ____/____/____ Idade: _____
 Endereço _____ N° _____ APTO _____
 Bairro _____ Cidade _____
 CEP _____ Telefone _____
 Pai ☐ Mãe ☐ Outro ☐ Especificar _____

Nome _____
 Documento de Identidade nº _____ Sexo M ☐ F ☐
 Data de Nascimento ____/____/____ Idade: _____
 Endereço _____ N° _____ APTO _____
 Bairro _____ Cidade _____
 CEP _____ Telefone _____
 Pai ☐ Mãe ☐ Outro ☐ Especificar _____

Dados da Criança:

Nome _____
 Documento de Identidade nº _____ Sexo M ☐ F ☐
 Data de Nascimento ____/____/____ Idade: _____
 Endereço _____ N° _____ APTO _____
 Bairro _____ Cidade _____
 CEP _____ Telefone _____

Eu, Fernanda Romano Soares, Psicóloga CRP nº 06/91791, aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, estou desenvolvendo a pesquisa “Utilização de Contos de Fadas em Oficinas Terapêuticas com Crianças em uma clínica-escola de psicologia”, sob orientação da Profa. Dra. Eliana Herzberg, psicóloga CRP nº. 06/5051.

Esta pesquisa tem como objetivo principal oferecer uma oportunidade à criança, que não conseguiu vaga na triagem da Clínica Psicológica Dr. Durval Marcondes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo no dia em que seus pais ou responsáveis vieram fazer a inscrição, de participar de cerca de 15 encontros, por mim coordenados. Nestes encontros poderá se expressar a partir da leitura de contos de fadas, de forma gráfica (desenhos) e verbal. A partir do material obtido nestes encontros será estudado o efeito deste tipo de trabalho (denominado oficinas terapêuticas) quanto a alguns aspectos: contribuem para a sensação de bem estar e de tranquilidade das crianças? Caso contribuam, de que maneira o fazem?

Esta pesquisa envolve algumas etapas:

1) Primeiro entrevistarei os pais ou responsáveis, para obter alguns dados sobre o filho(a).

2) Depois marcarei um encontro com seu filho(a), quando explicarei a pesquisa e, caso ele (a) aceite participar aplicarei dois testes psicológicos, um deles o Teste da Casa- Árvore-Pessoa (HTP), e o outro, o Teste de Apercepção Infantil com figuras animais (CAT-A) . No primeiro teste, HTP, pedirei para seu filho(a) fazer alguns desenhos e no segundo mostrarei algumas figuras para que ele(a) (a) conte histórias.

3) Após essa etapa dar-se-á início aos encontros com um grupo composto por quatro crianças quando contarei algumas histórias e pedirei para que elas desenhem o que mais gostaram e depois pedirei para que contem suas próprias histórias, e conversaremos sobre o que cada um fez.

Serão realizados cerca de onze encontros com o grupo com duração aproximada de uma hora e trinta minutos cada um. Após o término desses encontros será realizado um novo encontro com os pais ou responsáveis, para conversarmos sobre o trabalho realizado e eventual esclarecimento de dúvidas. Será realizado também um outro encontro com a criança individualmente para a aplicação dos mesmos testes psicológicos mencionados anteriormente e para realizar uma devolutiva, apresentando o material à criança e também para o eventual esclarecimento de dúvidas.

É importante esclarecer que

- A participação de seu filho (a) nesta pesquisa, não garante continuidade de atendimento na Clínica Psicológica Dr. Durval Marcondes. No entanto, caso haja necessidade de algum encaminhamento para atendimento psicológico, este será feito pela pesquisadora.

É muito importante saber que:

- Os Srs. podem a qualquer momento pedir informações e solicitar esclarecimento de dúvidas sobre a pesquisa. Caso sintam necessidade, podem entrar em contato com a psicóloga pelo telefone da clínica psicológica (30914172), ou podem ainda, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco F, sala 22, Cidade Universitária, telefone: 30970529.

- Seu filho (a) e/ou o (a) Sr. (Sra.) podem a qualquer momento decidir interromper a participação na pesquisa sem que essa interrupção acarrete qualquer tipo de consequência quanto a possível atendimento futuro na Clínica Psicológica Dr. Durval Marcondes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Os dados obtidos na pesquisa provavelmente serão publicados em revistas especializadas garantindo-se, no entanto, a preservação do sigilo e da confidencialidade dos mesmos, no sentido de não permitirem a identificação dos participantes da mesma.

Declaro que, depois de ter recebido esclarecimentos pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, estou (ambos) de acordo, que meu (minha) filho(a) e eu(nós) participemos da pesquisa “Utilização de contos de fadas em oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de psicologia”.

São Paulo, ____ de _____ de 200_.

Assinatura do Responsável
Pelo Participante da Pesquisa

Fernanda Romano Soares
Pesquisadora Responsável

ANEXO B

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Of.057/08-CEPH-IP-22/09/2008

Senhora Professora,

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (CEPH-IP) aprovou o Projeto nº 2008.004, intitulado "Utilização de contos de fadas em oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de Psicologia" a ser desenvolvido por sua orientanda Fernanda Romano, nível Mestrado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Atenciosamente,

Prof.ª. Dr.ª. Ana Maria de Barros Aguirre
Coordenadora do CEPH-IP

Ilma. Sra.
Profa. Associada Eliana Herzberg
Departamento de Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

ANEXO C**QUESTIONÁRIO PRÉ-PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NA OFICINA**

1. O que você espera de um psicólogo para seu filho(a)?

2. Qual seria a duração ideal de um atendimento para seu filho(a)?

- ☐ 1 ou 2 entrevistas
☐ 3 ou 4 entrevistas
☐ 5 ou 6 entrevistas
☐ Entrevistas durante um semestre.
☐ Entrevistas durante um ano ou mais.
☐ Não sei.

3. Se seu filho(a) tivesse um atendimento de grupo poderia ajudar?

☐ Sim.

Como poderia ajudar?

☐ Não.

Por quê?

ANEXO D

Roteiro para entrevistas

Dados pessoais do entrevistado:

Ψ Nome, idade, sexo, estado civil, nacionalidade, domicílio, profissão ou ofício.

Dados pessoais da criança:

Ψ Nome, idade, sexo.

Motivo da consulta

Ψ Questionar detalhes sobre o início, o desenvolvimento, a melhoria e a agravação do sintoma.

História do desenvolvimento da criança

Ψ Resposta emocional (principalmente da mãe) quando ficou sabendo da gravidez.

Ψ A gravidez foi desejada ou acidental?

Ψ Se houve rejeição com desejo de aborto. Se sim, se foi realizado algum ato.

Ψ Como evoluíram os sentimentos dos pais durante a gestação?

Ψ Como foi o parto? (se foi induzido, se utilizou anestesia, se a mãe estava dormindo ou acordada durante o parto, se estava acompanhada ou sozinha).

Ψ Como foi a amamentação? (o bebê teve reflexo de sucção, se prendia bem ao peito, quanto tempo levou desde o nascimento até a primeira mamada e como foi)

Ψ Ritmo da amamentação. (quanto tempo levava de uma mamada a outra, quanto tempo succionava cada peito).

Ψ Como a criança aceitou a mudança do leite do peito para a mamadeira e papinhas. (se foi paciente ou com irritação).

Ψ Quantos anos a criança tinha quando ocorreu o desmame e quais eram suas condições físicas e emocionais?

Ψ Com quantos anos começou a andar? (tinha tendência a cair? Qual a reação dos pais diante as quedas?)

Ψ Quando começou a falar?

Ψ Quando nasceram os primeiros dentes? Como foi?

Ψ Como era o sono? (se houver problemas no sono perguntar qual era a reação dos pais diante o fato e quais eram os sentimentos que surgiam).

Ψ Como era o quarto onde a criança dormia? Dormia sozinha? Precisava de algo ou alguém específico para dormir?

Ψ Usou chupeta?

Ψ Quando começou a usar o vaso (ou pinico)? De que forma isso aconteceu? Qual a atitude da mãe diante a limpeza e a sujeira?

Ψ Perguntar da vida sexual da criança.

Ψ Quando entrou na creche, e/ou na escola? (como foi esse momento? Como foi começar a ler e a escrever? Como é a criança frente aos deveres de casa?)

Ψ Houve algum evento traumático (ou marcante) na vida da criança?

O dia de vida

Ψ Como é um dia normal da rotina da criança? (quem a acorda e a que horas, ela se veste sozinha? Desde quando? Caso não, quem a veste?)

Ψ Como é um domingo ou feriado na vida da criança?

Ψ Como é um dia do aniversário da criança?

Relações familiares

- Ψ Os pais vivem junto com a criança? (Quem mora na mesma casa?)
- Ψ Quanto tempo os pais ficam fora de casa?
- Ψ Sociabilidade dos pais e da criança.
- Ψ Como é o relacionamento da criança com os pais, com demais familiares e na escola.
- Ψ Tem algum familiar que é mais apegado?
- Ψ Tem algum familiar que a criança não tem muita empatia?

Realização de um organograma

- Ψ Contendo: constelação familiar da criança, idade da mesma, dos pais e dos demais familiares, fatos marcantes ocorridos na família, mortes na família e como ocorreram.

ANEXO E

João e Maria (resumo)

1ª Parte:

No meio de uma grande floresta, vivia um pobre lenhador, sua mulher e seus dois filhos, um menino e uma menina, ele chamado João e ela Maria.

O lenhador era tão pobre que em sua casa tinham de comer muito pouco. E quando uma terrível escassez assolou o país, até o pão de cada dia lhes faltou.

Certa noite o lenhador, muito ansioso, em face da triste situação que atravessavam, gemendo e quase chorando, disse à mulher:

— O que vai ser de nós? Como vamos poder alimentar as crianças quando nós mesmos já não temos o que comer?

— Há uma solução, meu marido — respondeu a mulher. — Amanhã cedo levaremos seus filhos para o lugar mais espesso da floresta e acenderemos uma fogueira, daremos uma fatia de pão a cada um e voltaremos para trabalhar, lá deixamos eles sozinhos. Eles não conseguirão descobrir o caminho de volta e, assim, ficaremos livres deles.

— Não, mulher — disse o homem. — Não farei isso. Como poderei deixar meus filhos abandonados na floresta? As feras vão matá-las.

— És um idiota! — reagiu a mulher. — Preferes que nós todos morramos de fome?

E tanto atormentou o marido, que ele acabou concordando com a proposta.

— Mas eu vou ter saudades de meus filhos! — Desabafou.

As duas crianças que não conseguiram dormir, porque estavam famintas, ouviram tudo que a madrasta disse a seu pai. Maria desatou a chorar:

— Agora estamos perdidos! Não temos salvação!

— Não chore Maria, fique calma — tranquilizou-a o irmão. — Tenho uma idéia.

João esperou seus pais dormirem, vestiu seu casaquinho e saiu da cabana. Era noite de lua muito clara e as pedrinhas brancas que cobriam o chão em frente da casa brilharam como moedas de prata. João encheu o bolso de seu casaquinho com todas as pedras que conseguiu colocar lá e voltou para cama.

Quando amanheceu, mas antes mesmo do sol nascer, a madrasta gritou:

— Está na hora de levantar, seus preguiçosos! Vamos à floresta apanhar lenha.

Deu a cada um, um pedaço de pão e os disse para comer na hora do jantar, pois não teriam mais nada para alimentarem naquele dia. Maria guardou o pão embaixo do avental enquanto João levava as pedrinhas no bolso. E todos seguiram para a floresta.

Depois de caminharem uma certa distância, João parou e olhou para trás, e a medida que caminhavam foi fazendo o mesmo. Cada vez que parava deixava cair no chão uma das pedrinhas que levava no bolso.

Quando chegaram ao meio da floresta, o pai mandou:

— Agora, meus filhos, tratai de apanhar uns gravetos, para fazermos uma fogueira para vos aquecer.

Os meninos fizeram um montão muito alto de gravetos e o pai deles colocou fogo e quando as chamas estavam bem altas a madrasta falou:

— Agora, crianças, podem descansar perto do fogo enquanto vamos cortar lenha na floresta. Quando a gente terminar voltamos para buscar vocês.

João e Maria sentaram perto da fogueira e de tanto esperarem pelos adultos acabaram adormecendo. Quando acordaram já era noite escura, comeram os pedaços de pão e quando nasceu a lua cheia as pedrinhas que João havia jogado no chão começaram a brilhar. João deu a mão para Maria e foram seguindo as pedras até chegarem em casa.

2ª Parte

Quando a madrasta viu as crianças se assustou e ficou com muita raiva, já o pai ficou bastante feliz, pois estava com remorso de ter deixado as crianças sozinhas.

Como era malvada, ela planejou levá-los ainda mais longe no dia seguinte. João ouviu a madrasta novamente convencendo o pai a abandoná-los, mas desta vez não conseguiu sair do quarto para apanhar as pedrinhas, pois sua madrasta havia trancado a porta. Maria desesperada só chorava. João pediu para que ela tivesse calma e que Deus iria ajudá-los. Antes de saírem para o passeio, receberam para comer um pedaço de pão velho. João, em vez de comer o pão, guardou-o.

Ao caminhar para a floresta, João jogava as migalhas de pão no chão, para marcar o caminho da volta. A madrasta levou João e Maria para um lugar onde a floresta era mais cerrada e onde eles jamais haviam estado em sua vida. Como da primeira vez foi feito uma

grande fogueira e, mais uma vez, a madrastra recomendou que ficassem quietinhos perto da fogueira, esperando a volta do casal, que não voltara.

Maria desesperada começou a chorar;

— Não chore Maria! — disse João. — Agora, só temos é que seguir a trilha que eu fiz até aqui, e ela está toda marcada com as migalhas do pão.

Mas João não encontrou os pedacinhos de pão. Eles foram comidos pelos pássaros que vivem em bandos enormes nas florestas e nos campos.

Andaram a noite inteira e o dia seguinte inteirinho, até o sol se pôr, mas não saíram da floresta e estavam cansadíssimos e famintos, pois nada encontraram para comer, a não ser alguns morangos, que não davam para matar a fome. E quando ficaram exaustos, deitaram-se debaixo de uma árvore e adormeceram.

Quando acordaram estavam na terceira manhã que passavam fora de casa. Puseram-se mais uma vez a caminhar, mas, em vez de encontrarem o caminho, iam se afundando cada vez mais na floresta, e, se não surgisse logo uma ajuda, estariam condenados a morrer de fome e de cansaço.

Ao meio dia, viram um lindo pássaro, branco como a neve, que cantava pousando em um arbusto. O canto era tão belo que João e Maria pararam para ouvi-lo.

E, quando parou de cantar, o pássaro bateu asas e saiu voando, e as crianças o acompanharam, até chegarem a uma casinha feita de pão doce e de bolos, e cujas vidraças eram de açúcar-cande.

— Vamos parar aqui e fazer uma boa refeição — disse João. — Vou comer um pedaço do telhado e você, Maria, pode comer algumas janelas, que devem ser bem doces.

Então veio de dentro da casa uma voz abafada:

A casa é minha, a casa é minha!

Quem está lambendo minha casinha?

E as crianças responderam:

Sua casinha ninguém lambeu

E sim o vento que veio do céu.

As crianças continuaram comendo sem se preocupar com o que poderia acontecer. Elas estavam famintas!

A porta da casa se abriu e saiu de lá uma mulher velhíssima, que se aproximou das crianças, arrastando-se e apoiando em muleta. João e Maria ficaram tão apavorados que deixaram cair o que estavam comendo. A velha porém, não os ameaçou. Ao contrário, parecia muito satisfeita e perguntou:

— Oh, queridas crianças! Quem vos trouxe até aqui? Entrai e ficai comigo. Não acontecerá mal algum à vocês.

A velha, porém, apenas fingia ser boa. Na verdade era umna perversa feiticeira, que fez aquela casa de pão doce, bolos e açúcar-cande com a intenção de atrair crianças. Quando uma criança caía em seu poder, ela a matava, cozinhava e devorava, pois, para ela, não existia um prato mais delicioso do que carne de criança.

Quando João e Maria entraram dentro da casa a velha deu uma risada zombeteira e disse:

— Eu os tenho! Desta vez, não escaparão!

Pegou João e o levou para uma pequena jaula, onde o trancou atrás de uma porta gradeada. Em seguida, foi à cama que Maria estava dormindo, sacudiu-a brutalmente até que ela acordasse e gritou:

—Levanta preguiçosa! Vai apanhar água e cozinha alguma coisa boa para o seu irmão, que está preso lá fora na jaula, para ser engordado. Quando estiver bem gordo vou comê-lo.

E, então, a boa comida foi reservada para João, enquanto Maria só pôde roer os ossos. Todas as manhãs a bruxa ia até a jaula e gritava:

— João, mostra seu dedo, para eu ver se está gordo!

João, porém, em vez do dedo, mostrava um ossinho que encontrou, e a velha feiticeira ficava desolada, por não conseguir engordá-lo. Quando já havia se passado um mês, e João continuava magro, ela se impacientou e resolveu não esperar mais.

— Vai buscar água e põe para ferver, preguiçosa! — gritou para Maria. — Esteja gordo ou magro, amanhã vou matar João e cozinhá-lo.

Como a pobrezinha da menina chorava e se lamentava, tendo de carregar água e fervê-la para que seu irmão fosse cozido!

— Ajuda, meu Deus! — Exclamava. — Teria sido muito melhor se as feras da floresta bos tivessem devorado do que isso! Pelo menos teríamos morrido juntos.

3ª Parte

— Vamos assá-lo primeiro — anunciou a velha. — Já esquentei o forno. Agora verifica se o forno já está bastante quente para assarmos o pão.

O que ela queria, na verdade, era empurrar a menina para dentro do forno e assá-la, para comê-la também. Maria, porém, percebeu a sua intenção e replicou:

— Não sei como se faz para verificar. Como é que é?

— Imbecil! — disse a bruxa. — É só debruçar na abertura do forno e olhar. Assim!

E aproximou-se ela própria da abertura, estendendo a cabeça. Mais do que depressa, a menina empurrou-a para dentro e fechou a porta do forno. A bruxa começou a dar gritos medonhos, e não tardou a morrer, enquanto Maria corria em procura do irmão, a quem gritou:

— Estamos salvos João! A velha bruxa está morta!

Quantos beijos e abraços e gritos de alegria! E, como não precisavam mais ter medo da bruxa, percorreram por toda a casa, e em cada canto encontravam arcas cheias de pérolas e pedras preciosas.

— É muito melhor que pedrinhas brancas — disse João, tratando de encher os bolsos com quantas pedras couberam lá.

— Eu também vou levar algumas! — decidiu Maria, enchendo os seus bolsos de seu avental.

— Mas agora temos que dar um jeito de sair daqui! — disse João.

Saíram da casa e, depois de terem andado por duas horas, chegaram diante de um grande e largo rio.

— Não podemos atravessar! — disse João. — Não estou vendo ponte por aqui.

— Mas há um pato branco nadando nestas águas. Vou pedir para que eles nos ajude! — disse Maria.

Pato, pato branco, ouve, meu patinho:

Maria e João ajuda, pato, se ele for bonzinho.

Não se avista daqui nem ponte nem canoa.

Carregar-nos para você é coisa à-toa.

O pato nadou até junto as crianças. João acomodou-se em suas costas e o pato levou um de cada vez para o outro lado do rio. Os dois irmãos caminharam por algum tempo e a floresta ia lhes parecendo cada vez mais familiar. Afinal, avistaram a casa de seu pai. Entraram correndo em casa e se atiraram nos braços dos pais.

O pai não tivera um só dia de alegria depois que abandonou seus filhos na floresta. Sua mulher, a perversa madrasta, morrera.

Maria esvaziou os bolsos do avental até que pérolas e pedras preciosas se espalhassem por toda a casa e João atirou punhados de outras tantas pérolas e pedras preciosas. Terminaram, assim, os dias de miséria, e todos viveram felizes por muitos e muitos anos.

E toxtorox, acabou-se a história.

João e o pé de feijão

Jacob e Wilhelm Grimm

1ª Parte:

Há muitos e muitos anos existiu uma viúva que tinha um filho chamado João.

João e a mãe eram muito pobres e, para se manterem, contavam apenas com uma vaca, cujo leite vendiam na cidade.

Um dia, porém, a vaca parou subitamente de dar leite, e a pobre mulher, tendo perdido assim a fonte de seu sustento, ficou preocupada e sem saber o que fazer.

João, de sua parte, começou a procurar um emprego, com o qual pudesse ajudar a mãe. Mas os dias foram passando sem que ele arranjasse coisa alguma para fazer. Assim, a única solução que encontraram foi vender a vaca, pois o dinheiro daria pelo menos para viverem por algum tempo.

João logo se ofereceu para ir vender o animal na cidade, mas a mãe, achando que ele não saberia negociar, a princípio não consentiu. Entretanto, porque ela própria poderia sair de casa naquele dia, não teve outro remédio senão concordar com a idéia. Amarrou então uma corda no pescoço da vaca, para que João não a perdesse e, depois de dar muitos conselhos ao filho, deixou-o partir.

E lá se foi João, com destino à cidade. Quando estava no meio do caminho, encontrou um vendedor ambulante que o cumprimentou muito simpático e perguntou-lhe aonde estava indo com a vaca. Assim que João contou que estava indo vendê-la na cidade, o homem tirou do bolso um punhado de feijões, muito bonitos e de cores e formatos variados, e mostrou-os ao menino, dizendo que eles eram encantados.

João ficou deslumbrado com a beleza dos grãos e, ao ouvir as palavras do vendedor, seus olhos brilharam de alegria. Morrendo de vontade de possuir os feijões encantados, perguntou ao homem se ele não gostaria de trocá-los pela vaca.

O vendedor concordou prontamente com a troca. E, horas depois, João chegava em casa muito satisfeito, achando que havia feito um excelente negócio.

A mãe o recebeu muito contente, mas, quando o menino lhe mostrou o que havia conseguido em troca do animal, ficou furiosa e disse:

— Como, meu filho?! Você teve coragem de trocar a única coisa que possuíamos por uma porcaria duns grãos de feijão?

E, quanto mais pensava na situação difícil em que ela e o filho estavam agora, mais nervosa ficava. Até que, num acesso de raiva, jogou os feijões pela janela, gritando:

— Veja, seu tolo! Veja para o que servem seus grãos encantados: para jogar fora!

O pobre menino, desconsolado, ficou olhando para a mãe sem nada conseguir dizer. E, como castigo, naquela noite foi mandado para a cama sem jantar.

Na manhã seguinte, ao acordar, João ainda estava muito triste e não conseguia esquecer o acontecimento do dia anterior. Estava deitado, tentando encontrar um jeito de remediar o que havia feito, quando notou que havia alguma coisa impedindo o sol de entrar pela janela. Levantou-se para espiar o que era e, espantado, descobriu que os grãos de feijão não só haviam brotado durante a noite, como também haviam crescido assustadoramente, transformando-se numa planta enorme, que subia até o céu.

Admirado e feliz, o menino correu até o quintal e, sem pensar duas vezes, começou a subir pelo pé de feijão. Subiu, subiu e subiu; atravessou muitas camadas de nuvens macias como flocos de algodão e, por fim, descobriu que a planta terminava num estranho país, onde tudo parecia deserto.

Como queria saber onde estava, João resolveu andar para ver se encontrava alguém por ali. Mas, o lugar parecia completamente desabitado, pois, mesmo andando horas em

seguida, não viu ninguém pelo caminho. Porém, quando já estava escurecendo e o seu estômago até doía de fome, João avistou um enorme castelo para onde se dirigiu. Encontrou na porta uma mulher que pareceu muito assustada em vê-lo ali.

— O que você está fazendo aqui, menino? — disse ela. — Não sabe que esse castelo pertence ao meu marido, um gigante muito mau, devorador de carne humana?

Ao ouvir isso, João sentiu as pernas bambearem de medo. Mas, como a mulher lhe dissesse que o gigante estava fora, caçando, e também como a fome e o cansaço não o deixassem andar mais, pediu a ela que o abrigasse e escondesse até o dia seguinte.

Embora fosse casada com um homem tão mau, a esposa do gigante era uma pessoa muito bondosa. Assim, ficou com muita pena do menino e levou-o para dentro do castelo, onde serviu-lhe uma mesa coberta de coisas deliciosas. João, que estava morto de fome, comeu tudo com tanto apetite e gosto que logo se esqueceu do perigo que estava correndo. De repente, porém, ouviu-se um grande barulho na porta, seguido de passos tão pesados que o castelo inteiro estremeceu.

— Oh, meu Deus! — disse a mulher, tremendo como vara verde. — É o gigante, menino! Ele não pode encontrar você aqui senão vai devorar você e a mim também!

Ao vê-la tão assustada, João ficou paralisado de medo. Mas a mulher o puxou rapidamente pela mão, e mal teve tempo de escondê-lo dentro do forno, antes que o gigante entrasse na cozinha, gritando com sua voz de trovão:

— Mulher! Mulher, estou sentindo cheiro de carne humana!

Um, dois e três,

diga-me de uma vez:

onde está esse abelhudo?

Vou comê-lo com ossos e tudo!

Mais que depressa, a mulher explicou que o cheiro de carne era dos franguinhos que ela havia matado para o jantar.

João, que estava espiando por uma frestinha do forno, ficou apavorado só de pensar no que aconteceria se o gigante o encontrasse. Mas a bondosa mulher, que sabia que o marido era muito comilão, apressou-se em servir a comida, antes que ele começasse a procurar por todos os cantos da casa até encontrar o pobre menino.

O gigante sentou-se então à mesa e, para começar a refeição, engoliu uma dúzia de frangos assados, com ossos e tudo. Com os olhos arregalados, João assistiu à mulher trazendo para a mesa pratos e mais pratos, que o gigante engolia rapidamente, sem nunca ficar satisfeito.

Quando acabou finalmente sua refeição, o comilão gritou para a mulher:

— Traga-me o dinheiro!

— Está bem! — respondeu ela, saindo da cozinha.

E, logo em seguida, voltava com dois sacos cheios de moedas de ouro. Depois de ordenar que a mulher fosse dormir, o gigante colocou os sacos de moedas sobre a mesa e começou a contá-las, enquanto esperava o sono chegar.

Quando se cansou desse divertimento, guardou as moedas de novo nos sacos e depois colocou-os no chão, perto de si. Só que, por precaução, amarrou ao pé da mesa um cão de guarda, e depois recostou-se na cadeira e pôs-se a dormir.

João, que a tudo assistia de seu esconderijo, esperou que o gigante estivesse dormindo profundamente e, quando viu que ele estava roncando como um trovão, saiu de mansinho do forno para roubar o dinheiro. Entretanto, assim que pôs as mãos sobre os sacos de moedas, o cão de guarda começou a latir feito louco e o pobre menino, apavorado, julgou-se completamente perdido.

2ª Parte:

Acontece que o gigante tinha um sono pesado demais e os latidos fizeram apenas com que ele se mexesse na cadeira, sem conseguir acordá-lo.

Mais sossegado, o menino subiu na mesa da cozinha e, depois de pegar um pedaço de carne, jogou-o ao cão, que abanou o rabo e ficou em silêncio, deliciando-se com o petisco.

João pôde assim pegar o dinheiro e fugir dali. Correu sem parar até alcançar o pé de feijão, descendo habilmente até chegar ao quintal de casa.

Em seguida, chamou pela mãe e, depois de contar-lhe toda a aventura, entregou-lhe os dois sacos de moedas.

Com o dinheiro roubado do gigante, João e a mãe passaram a levar uma vida de rei. Nada mais faltava na casa e eles não precisavam mais temer a fome e a necessidade.

Mas o tempo foi passando e os sacos de moedas começaram a ficar vazios. E João pensou, então, em voltar ao castelo do gigante, para se apoderar de mais riquezas.

Contou sua vontade à mãe e ela, com medo de que alguma coisa pudesse acontecer-lhe, proibiu-o de ir.

— Já pensou se o gigante agarrar você? — disse ela. — E a mulher dele? Ela certamente o reconhecerá e poderá entregá-lo ao marido!

Percebendo que a mãe não ia mesmo permitir, João fingiu aceitar o que ela dizia. Mas, na primeira chance que teve, saiu escondido e subiu novamente pelo pé de feijão, desta vez muito bem disfarçado para que a mulher do gigante não o reconhecesse.

Chegou assim mais uma vez ao estranho país e, depois de caminhar até o anoitecer, avistou o castelo do gigante, na porta do qual encontrou novamente a boa mulher.

— Menino! — disse ela, sem reconhecer João. — O que você faz aqui? Não sabe que esse castelo é do meu marido, um gigante muito mau, devorador de carne humana?

João fingiu-se muito assustado, e pediu à mulher que o escondesse até o dia seguinte, dizendo que não conseguiria encontrar o caminho de casa no escuro.

— Ah, não! — respondeu ela. — De jeito nenhum! Da última vez que fiz isso me arrependi amargamente! Já dei abrigo a um menino como você e o mal-agradecido fugiu, levando dois sacos de moedas de ouro do meu marido. Por causa disso, quase fui devorada no lugar do malandrinho! E o gigante, desde então, tem estado com um humor terrível, que eu sou obrigada a suportar!

Mas João sabia ser convincente e pediu tantas vezes que a boa mulher acabou concordando em escondê-lo. Assim, levou-o para dentro do castelo e deu-lhe de comer e de beber. E, novamente, mal teve tempo de esconder João, desta vez dentro de um quartinho de despejo, e o gigante já chegava, com seu andar tão pesado que fazia o castelo estremecer. Dali a pouco, ele já estava na cozinha, gritando com voz de trovão:

*Um, dois e três,
diga-me de uma vez:
onde está esse abelhudo?
Vou comê-lo com ossos e tudo!*

Enquanto dizia isso, o gigante procurava por todos os cantos da casa.

João, que a tudo assistia pela fechadura da porta, ficou morrendo de medo de ser encontrado. Mas a bondosa mulher mais uma vez convenceu o marido de que não havia ninguém na casa e, enchendo a mesa de comida, conseguiu distraí-lo.

Novamente o gigante comeu até se fartar e depois disse à mulher:

— Mulher, traga-me a galinha!

Ela, como da outra vez, obedeceu às ordens e saiu da cozinha, para voltar logo depois, trazendo uma galinha viva. O gigante colocou a galinha sobre a mesa e, assim que a mulher se retirou, ordenou:

— Bote!

E João viu, espantado, a galinha botar um ovo que não era nem branco e nem igual aos das galinhas comuns, e sim de ouro, ouro puro e maciço!

— Bote outro! — ordenou o gigante.

E a galinha obedeceu. Assim aconteceu sucessivamente, até que a mesa da cozinha ficou repleta de ovos de ouro, bonitos e reluzentes.

De repente, o gigante se cansou de mandar a galinha botar os ovos e, debruçando-se sobre a mesa, caiu, logo em seguida, num sono profundo.

Quando ouviu o gigante roncando outra vez como um trovão, João saiu em silêncio de seu esconderijo. E, como desta vez não havia nem o cão de guarda para atrapalhar, foi muito fácil agarrar a galinha e fugir correndo do castelo, até chegar ao pé de feijão.

Logo que entrou em casa, João chamou a mãe e, depois de lhe contar a sua aventura, entregou-lhe a galinha dos ovos de ouro.

Daquele dia em diante, nada mais lhes faltou, pois, sempre que precisavam de alguma coisa, bastava ordenar à galinha que botasse um ovo, e ela obedecia prontamente.

Mesmo sendo agora rico e feliz, João voltou a ter vontade de subir outra vez ao castelo do gigante. Mas, sempre que falava nisso, a mãe o repreendia tão severamente, que o menino acabava adiando a viagem, sem entretanto desistir da ideia.

Passaram-se assim três anos, no final dos quais João tomou uma decisão: ia subir de novo, custasse o que custasse, e não contaria nada à mãe.

Assim, esperou pacientemente que chegasse o verão, quando os dias são mais longos e, depois de se disfarçar muito bem, subiu pelo pé de feijão antes que o sol nascesse, para que a mãe não o visse.

Novamente chegou ao castelo numa hora em que o gigante não estava, e mais uma vez não foi reconhecido pela mulher, que voltou a falar-lhe dos perigos que corria estando ali. Só que, desta vez, foi muito mais difícil convencê-la a recolher um estranho em seu castelo, pois o gigante, depois do último roubo, estava com um humor insuportável e cada dia se tornava mais malvado.

João, porém, sabia que a mulher era muito bondosa e continuou insistindo até que conseguiu convencê-la. Foi então acolhido, e de novo lhe foi servida uma refeição deliciosa.

Mas nesse dia o gigante chegou tão repentinamente que a mulher só teve tempo de colocar João dentro de um caldeirão, antes que o marido entrasse na cozinha gritando:

— Mulher! Sinto cheiro de carne humana!

Um, dois e três,

diga-me de uma vez:

onde está esse abelhudo?

Vou comê-lo com ossos e tudo!

E estava tão furioso e desconfiado, que começou a procurar por todos os cantos, sem nem ouvir a esposa chamando-o para o jantar.

Procurou, procurou e procurou até que, finalmente, chegou bem perto do caldeirão onde João estava escondido. Ao ouvir aqueles passos que faziam o chão tremer e aquela voz de trovão gritando furiosamente, o pobre menino achou que estava mesmo perdido.

3ª Parte:

Por sorte, entretanto, o gigante sentiu uma fome repentina e ficou com preguiça de levantar a tampa do caldeirão. Por isso, desistiu de procurar e gritou:

— Mulher! Quero jantar!

Dentro de seu esconderijo, João suspirou aliviado. E ali ficou bem quietinho, esperando que o comilão fizesse sua interminável refeição.

Quando, afinal, estava satisfeito, o gigante gritou para a mulher:

— Traga-me a harpa de ouro!

E ela, como sempre fazia, obedeceu-lhe prontamente. O gigante esperou que ela se retirasse para dormir, depois colocou o instrumento sobre a mesa e ordenou:

— Toque!

No mesmo instante, a harpa de ouro começou a tocar sozinha uma melodia doce e suave, que deixou João maravilhado e que embalou os sonhos do malvado gigante. Assim, o menino esperou até que ele estivesse roncando bem alto, saiu em silêncio do caldeirão e correu na direção do valioso instrumento.

Acontece que a harpa era encantada e, ao sentir que mãos estranhas a tocavam, começou a gritar com uma voz fininha:

— Socorro! Socooooorro!

E o gigante, ou porque não estivesse dormindo ainda, ou porque gostasse muito da harpa, acabou acordando. Ao ver que estava sendo roubado, levantou-se da cadeira, gritando, furioso:

— Ah, seu maldito! Desta vez você me paga! Quando eu o pegar, vou engoli-lo vivo, com ossos e tudo!

Disse isso e veio direto em cima do pobre João, que, muito assustado, começou a correr até não poder mais. A harpa de ouro, por sua vez, continuava gritando, com sua vozinha fina:

— Socorro, meu senhor! Estão me roubando!

E João, ao ouvi-la falar, corria mais ainda, achando que o gigante o estava alcançando.

De repente, no entanto, João percebeu que havia já alguns minutos não ouvia mais os urros e o barulho dos passos de seu perseguidor. Intrigado, virou-se para trás e descobriu uma coisa que o deixou muito feliz: o gigante, embora fosse grande e forte, já estava velho e não conseguia correr muito.

Mesmo assim, ainda havia um longo caminho para chegar ao pé de feijão, e por isso o menino agarrou de novo a harpa, que não parava de gritar por socorro, e continuou a correr.

Horas depois, alcançou de novo seu pé de feijão e começou a descer. Quando estava já no meio da haste da imensa planta, porém, João olhou para cima e viu que o gigante, por ser muito pesado, descia numa rapidez incrível. Assim, logo que avistou o quintal de casa, o menino começou a gritar pela mãe:

— Mamãe, mamãe! Traga-me um machado, depressa!

Quando João pôs os pés no chão, a mãe já se preparava para dar os primeiros golpes na planta. Mas a viúva, ao olhar para cima e ver o tamanho do gigante, ficou paralisada de medo.

João estava muito cansado, mas conseguiu reunir todas as suas forças e, apossando-se do machado, golpeou várias vezes o pé de feijão. Tendo sido cortada a planta, o gigante despencou lá do alto, caindo ao chão com um grande estrondo. Era tão pesado que seu corpo, ao cair, fez uma cratera enorme que demorou muitos anos para fechar.

Livre do perigo que o ameaçava, João abraçou a mãe alegremente. E, desde aquele dia, os dois passaram a viver tranquilos.

Tempos depois, quando se tornou um homem forte e bonito, João se casou com uma princesa, com quem viveu feliz por muitos e muitos anos.

Quanto ao pé de feijão, depois de cortado, secou completamente e, como não havia mais sementes, nunca mais nasceu outro igual.

O patinho feio (resumo)

1ª Parte

A mamãe pata tinha escolhido um lugar ideal para fazer seu ninho: um cantinho bem protegido, no meio da folhagem, perto do rio que contornava o velho castelo. Mais adiante estendiam-se o bosque e um lindo jardim florido.

Naquele lugar sossegado, a pata agora aquecia pacientemente seus ovos. Por fim, após a longa espera, os ovos se abriram um após o outro, e das cascas rompidas surgiram, engraçadinhos e miúdos, os patinhos amarelos que, imediatamente, saltaram do ninho.

Porém um dos ovos ainda não se abrira; era um ovo grande, e a pata pensou que não o chocara o suficiente.

— Bem, que tal vão as coisas? — perguntou uma velha pata que veio visitá-la.

— Este ovo está a demorar um tempo horrível — disse a mãe pata. — Não há meio de estalar! Mas olhe para os outros! São os patinhos mais bonitos que já vi, tal e qual o pai, aquela peste, que nunca vem visitar-me!

— Deixe lá ver o ovo — disse a velha pata. — Ah! Acredite no que lhe digo, isso é um ovo de peru. Uma vez aconteceu-me a mesma coisa e nem calcula o trabalho que tive com os miúdos! Como eram perus, tinham medo da água, e *não consegui* metê-los lá. Deixe ver. É, é um ovo de peru. Deixe-o ficar e vá ensinar os outros a nadar.

— Bem, vou agüentar um pouco mais — respondeu a pata. — Já aqui estou há tanto tempo que mais vale acabar o trabalho.

— Está bem, faça como quiser — respondeu a velha pata, e foi-se embora.

Por fim, o grande ovo estalou.

No entanto, em vez de um patinho amarelinho saiu uma ave cinzenta e desajeitada. Nem parecia um patinho.

Para ter certeza de que o recém-nascido era um patinho, e não outra ave, a mãe-pata foi com ele até o rio e o obrigou a mergulhar junto com os outros.

Quando viu que ele nadava com naturalidade e satisfação, suspirou aliviada. Era só um patinho muito, muito feio.

Tranqüilizada, levou sua numerosa família para conhecer os outros animais que viviam nos jardins do castelo.

Todos parabenizaram a pata: a sua ninhada era realmente bonita. Exceto um. O horroroso e desajeitado das penas cinzentas! — É grande e sem graça! — falou o peru. — Tem um ar abobalhado — comentaram as galinhas.

O porquinho nada disse, mas grunhiu com ar de desaprovação.

Nos dias que se seguiram, as coisas pioraram. Todos os bichos, inclusive os patinhos, perseguiram a criaturinha feia. A pata, que no princípio defendia aquela sua estranha cria, agora também sentia vergonha e não queria tê-lo em sua companhia.

O pobre patinho crescia só, malcuidado e desprezado. Sofria. As galinhas o bicavam a todo instante, os perus o perseguiram com ar ameaçador e até a empregada, que diariamente levava comida aos bichos, só pensava em enxotá-lo.

2ª Parte

Um dia, desesperado, o patinho feio fugiu. Queria ficar longe de todos que o perseguiam. Caminhou, caminhou e chegou perto de um grande brejo, onde viviam alguns marrecos. Foi recebido com indiferença: ninguém ligou para ele. Mas não foi maltratado nem ridicularizado; para ele, que até agora só sofrera, isso já era o suficiente.

Infelizmente, a fase tranqüila não durou muito. Numa certa madrugada, a quietude do brejo foi interrompida por um tumulto e vários disparos: tinham chegado os caçadores! Muitos marrequinhos perderam a vida. Por um milagre, o patinho feio conseguiu se salvar, escondendo-se no meio da mata.

Depois disso, o brejo já não oferecia segurança; por isso, assim que cessaram os disparos, o patinho fugiu de lá. Novamente caminhou, caminhou, procurando um lugar onde não sofresse. Ao entardecer chegou a uma cabana. A porta estava entreaberta, e ele conseguiu entrar sem ser notado. Lá dentro, cansado e tremendo de frio, se encolheu num cantinho e logo dormiu.

Na cabana morava uma velha, em companhia de um gato, especialista em caçar ratos, e de uma galinha, que todos os dias botava o seu ovinho. Na manhã seguinte, quando a dona da cabana viu o patinho dormindo no canto, ficou toda contente. — Talvez seja uma patinha. Se for, cedo ou tarde botará ovos, e eu poderei preparar cremes, pudins e tortas, pois terei mais ovos. Estou com muita sorte!

Mas o tempo passava, e nenhum ovo aparecia. A velha começou a perder a paciência. A galinha e o gato, que desde o começo não viam com bons olhos recém-chegado, foram ficando agressivos e briguentos. Mais uma vez, o coitadinho preferiu deixar a segurança da cabana e se aventurar pelo mundo.

Caminhou, caminhou e achou um lugar tranqüilo perto de uma lagoa, onde parou. Enquanto durou a boa estação, o verão, as coisas não foram muito mal. O patinho passava boa parte do tempo dentro da água e lá mesmo encontrava alimento suficiente. Mas chegou o outono. As folhas começaram a cair, bailando no ar e pousando no chão, formando um grande tapete amarelo. O céu se cobriu de nuvens ameaçadoras e o vento esfriava cada vez mais. Sozinho, triste e esfomeado, o patinho pensava, preocupado, no inverno que se aproximava.

Num final de tarde, viu surgir entre os arbustos um bando de grandes e lindíssimas aves. Tinham as plumas alvas, as asas grandes e um longo pescoço, delicado e sinuoso: eram

cisnes, emigrando na direção de regiões quentes. Lançando estranhos sons, bateram as asas e levantaram vôo, bem alto. O patinho ficou encantado, olhando a revoada, até que ela desaparecesse no horizonte. Sentiu uma grande tristeza, como se tivesse perdido amigos muito queridos. Com o coração apertado, lançou-se na lagoa e nadou durante longo tempo. Não conseguia tirar o pensamento daquelas maravilhosas criaturas, graciosas e elegantes.

Foi se sentindo mais feio, mais sozinho e mais infeliz do que nunca.

Naquele ano, o inverno chegou cedo e foi muito rigoroso. O patinho feio precisava nadar ininterruptamente, para que a água não congelasse em volta de seu corpo, criando uma armadilha mortal. Mas era uma luta contínua e sem esperança.

Um dia, exausto, permaneceu imóvel por tempo suficiente para ficar com as patas presas no gelo. — Agora morrerei — pensou. — Assim, terá fim todo meu sofrimento. Fechou os olhos, e o último pensamento que teve antes de cair num sono parecido com a morte foi para as grandes aves brancas.

3ª Parte:

Na manhã seguinte, bem cedo, um camponês que passava por aqueles lados viu o pobre patinho, já meio morto de frio. Quebrou o gelo com um pedaço de pau, libertou o pobrezinho e levou-o para sua casa. Lá o patinho foi alimentado e aquecido, recuperando um pouco de suas forças. Logo que deu sinais de vida, os filhos do camponês se animaram:

— Vamos fazê-lo voar! — Vamos escondê-lo em algum lugar!

E seguravam o patinho, apertavam-no, esfregavam-no. Os meninos não tinham más intenções; mas o patinho, acostumado a ser maltratado, atormentado e ofendido, se assustou e tentou fugir. Fuga atrapalhada! Caiu de cabeça num balde cheio de leite e, esperneando para sair, derrubou tudo. A mulher do camponês começou a gritar, e o pobre patinho se assustou ainda mais. Acabou se enfiando no balde da manteiga, engordurando-se até os olhos e, finalmente se enfiou num saco de farinha, levantando uma poeira sem fim. A cozinha parecia um campo de batalha. Fora de si, a mulher do camponês pegara a vassoura e procurava golpear o patinho. As crianças corriam atrás do coitadinho, divertindo-se muito.

Meio cego pela farinha, molhado de leite e engordurado de manteiga, esbarrando aqui e ali, o pobrezinho por sorte conseguiu afinal encontrar a porta e fugir, escapando da curiosidade das crianças e da fúria da mulher. Ora esvoaçando, ora se arrastando na neve, ele se afastou da casa do camponês e somente parou quando lhe faltaram as forças.

Nos meses seguintes, o patinho viveu num lago, se abrigando do gelo onde encontrava relva seca. Finalmente, a primavera derrotou o inverno. Lá no alto, voavam muitas aves. Um dia, observando-as, o patinho sentiu um inexplicável e incontrolável desejo de voar. Abriu as asas, que tinham ficado grandes e robustas, e pairou no ar. Voou. Voou. Voou longamente, até que avistou um imenso jardim repleto de flores e de árvores; do meio das árvores saíram três aves brancas. O patinho reconheceu as lindas aves que já vira antes, e se sentiu invadir por uma emoção estranha, como se fosse um grande amor por elas. — Quero me aproximar dessas esplêndidas criaturas — murmurou. — Talvez me humilhem e me matem a bicadas, mas não importa. É melhor morrer perto delas do que continuar vivendo atormentado por todos.

Com um leve toque das asas, abaixou-se até o pequeno lago e pousou tranqüilamente na água. — Podem matar-me, se quiserem — disse, resignado, o infeliz. E abaixou a cabeça, aguardando a morte. Ao fazer isso, viu a própria imagem refletida na água, e seu coração entristecido deu um pulo. O que via não era a criatura desengonçada, cinzenta e sem graça de outrora. Enxergava as penas brancas, as grandes asas e um pescoço longo e sinuoso.

Ele era um cisne! Um cisne, como as aves que tanto admirava. — Bem-vindo entre nós! — disseram-lhe os três cisnes, curvando os pescoços, em sinal de saudação. Aquele que num tempo distante tinha sido um patinho feio, humilhado, desprezado e atormentado se sentia agora tão feliz que se perguntava se não era um sonho! Mas, não! Não estava sonhando. Nadava em companhia de outros, com o coração cheio de felicidade.

Mais tarde, chegaram ao jardim três meninos, para dar comida aos cisnes. O menorzinho disse, surpreso: — Tem um cisne novo! E é o mais belo de todos! E correu para chamar os pais. — É mesmo uma esplêndida criatura! — disseram os pais. E jogaram pedacinhos de biscoito e de bolo. Tímido diante de tantos elogios, o cisne escondeu a cabeça embaixo da asa. Talvez um outro, em seu lugar, tivesse ficado envaidecido. Mas não ele. Seu coração era muito bom, e ele sofrera muito, antes de alcançar a sonhada felicidade.

Retirado do site:

<http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=8>

Em 23/01/2009

ANEXO F
QUESTIONÁRIO PÓS-PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NA OFICINA

1) Em sua opinião, os encontros com o grupo ajudaram seu filho(a)?

Sim ☐

Não ☐

Parcialmente ☐

Caso tenha respondido 'sim' ou 'parcialmente' especifique, se puder, quais aspectos psicológicos e emocionais o Sr(a) notou que foram trabalhados em seu filho(a):

2) Quais foram os pontos positivos percebidos nesta participação da criança no grupo?

3) Quais pontos você acha que poderiam ser melhorados? Sugestões.

4) Sobre a atuação do psicólogo que recebeu seu filho(a): Você acha que desempenhou o seu papel?

Sim ☐

Não ☐

Parcialmente ☐

Explique:

5) Você indicaria a oficina que seu filho(a) participou para alguém?

Sim ☐

Não ☐

Parcialmente ☐

Justifique:

Agradeço muito sua participação.

ANEXO G

Roteiro para a entrevista devolutiva

Opiniões dos pais:

- Ψ Como viram o processo de participação da criança no grupo?
- Ψ Como sentiram a criança em relação ao grupo? Como elas iam aos encontros?
- Ψ No caso das faltas (se houverem) como a criança se colocou?
- Ψ Como a criança reagiu com o fim do trabalho?
- Ψ Como vocês se sentiram com o fim do trabalho?
- Ψ Notaram alguma diferença no comportamento das crianças durante e depois de sua participação no grupo?
- Ψ Notaram alguma diferença na sociabilidade da criança durante e depois da participação no grupo?
- Ψ (Repetir a queixa trazida pelos pais, ou responsáveis, na primeira entrevista com os mesmos). Notaram alguma mudança em relação à primeira queixa trazida?

Devolutiva:

- Ψ Explicar a metodologia utilizada inclusive comentar que foram realizadas interpretações dos testes feitos pela criança.
- Ψ Colocar como as faltas (se houveram) prejudicaram o processo.
- Ψ Comentar sobre o desempenho da criança no grupo.
- Ψ Falar sobre os pontos positivos visto na criança.
- Ψ Inserir as críticas construtivas que foram elaboradas a partir dos testes e do desempenho no grupo.

Encaminhamentos:

- Ψ Quais são as opiniões dos pais a respeito da continuidade de atendimento na clínica-escola.
- Ψ Sugestão de encaminhamento adequado.
- Ψ Agradecimentos pela participação no trabalho.